OESTE

BARRA PESADA

NO TEMPO DE um enterro

FRANKIE SPOKANE

Cr$ 12,00

OESTE

BARBA PESADA

apresenta

Todos os personagens desta novela são imaginados pelo autor e não têm qualquer relação com nomes ou personalidades da vida real. Qualquer semelhança terá sido mera coincidência.

Publicação no Brasil 1978

Copyright © Editora Monterrey Ltda.

Proibida a reprodução no todo ou em parte.

EDITORA MONTERREY LTDA.
Rua Visconde de Pirajá, 550 - Sala 1401
IPANEMA - Rio de Janeiro, RJ.
Fones: 239-1447 e 239-6226

REEMBOLSO POSTAL

Pedido de Livros

Cole este cupom na sua carta pedindo os livros da Editora Monterrey e ganhe 1 livro grátis em cada pedido de 5 livros de bolso. Preenchendo este cupom corretamente, receberá o seu pedido com mais segurança.

Nome: .....

Endereço: .....

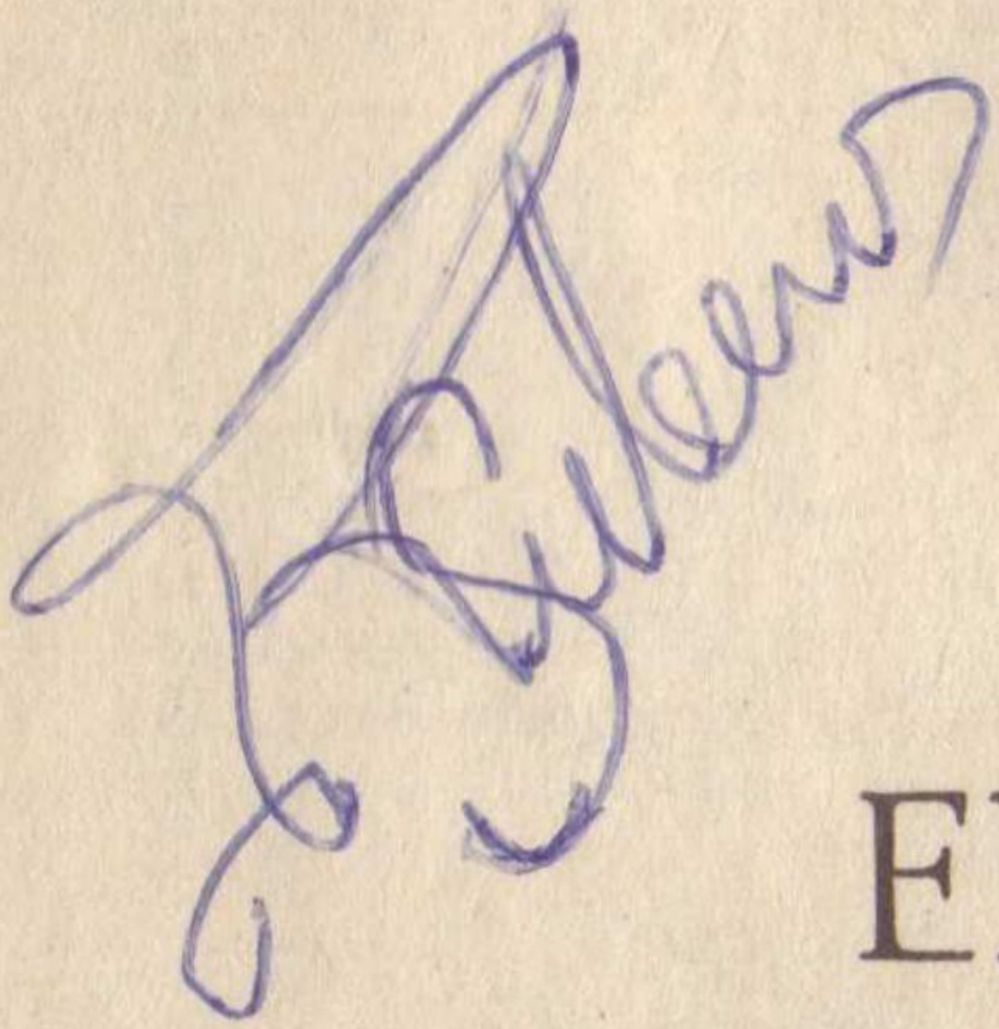
Cidade: ..... **Estado:** .....

Código de Endereçamento Postal: .....

Composto e impresso nas oficinas da GRÁFICA EDITORA LORD S. A.

Distribuído por:
Fernando Chinaglia Distribuidora S. A.

NO TEMPO DE UM ENTERRO



FRANKIE SPOKANE

Tradução de PENTEADO DOS REIS

Coleção OESTE BARRA PESADA

Números publicados:

1 — O CONTO DA MINA
2 — MALA MORTE
3 — O XERIFE E O CHICOTE
4 — O DINHEIRO SUMIU
5 — A MOÇA VIOLADA
6 — O BRILHO DO ÓDIO
7 — VENENO PURO!
8 — UM TÚMULO ABERTO
9 — NO TEMPO DE UM ENTERRO

A publicar:

10 — OS DÓLARES E O XERIFE
11 — UM ROSTO MAU

CAPÍTULO PRIMEIRO

Lobo em pele de cordeiro

Aquele era o acontecimento mais triste registrado em Muleshoe, condado de Amarillo, Texas, já há muitos anos. Naquela manhã de sol, ia ser enterrado o Capitão Lawrence O'Neil, dos Rurais do Texas. Claro que em Muleshoe, na *Cuenca Polvorosa,* à saída de *Llano Estacado,* costumavam verificar-se muitos acontecimentos. Mas isso não significava que a morte do Capitão O'Neil não fosse um fato de uma gravidade notória. Primeiro, pela própria desaparição de O'Neil do mundo dos vivos. Depois, porque a comunidade iria ressentir-se bastante com essa perda, no que dizia respeito à manutenção da Lei e da ordem. O Capitão Lawrence O'Neil era muito querido pela gente do povoado. Querido e respeitado. Estava no comando do Destacamento dos Rurais naquela

cidade e isso bastava para lhe granjear o respeito de seus concidadãos.

O funeral saiu do Destacamento para o pequeno cemitério da localidade, às nove horas da manhã. Seguindo o carro fúnebre, ia todo o corpo de Rurais de Muleshoe, além da maioria da população da cidade. Quem não tinha podido ir, mandara um representante. O carro fúnebre avançava lentamente pela rua empoeirada, com o sol nascente alongando as sombras e criando imagens fantasmagóricas. O Capitão O'Neil, que sempre fora um excelente Rural, morreu da forma que mais detestavam os representantes da Lei e da ordem. Faleceu na cama, acometido de uma doença fulminante. Nem os cuidados do médico nem a atenção dos seus comandados foram bastantes para afastar o espectro da morte.

O cemitério de Muleshoe não era muito grande. Na verdade, para uma povoação com menos de quinhentos habitantes, a terra sobrava para enterrar os mortos. Apesar de na região o índice de mortalidade não ser dos mais baixos, especialmente depois que os Rurais se estabeleceram ali, limpando a comarca dos elementos indesejáveis que preferiam enfrentar a estrela de cinco pontas à solidão de uma cela. Os acompanhantes do funeral do Capitão O'Neil enchiam a área do cemitério por completo. Meia dúzia deles haviam inclusive ficado do lado de fora, erguendo-se na

ponta dos pés para assistir à cerimônia fúnebre. Diante do caixão negro, estavam dois homens, muito diferentes mas com uma missão comum naquele instante.

O primeiro era o Reverendo Patrick Sullivan, com seu hábito negro e a Bíblia na mão. O pastor devia ter pelo menos uns setenta anos, mas conservava ainda a lucidez necessária para desempenhar seu trabalho. Era ruivo, de barba espessa, olhos claros, tipicamente irlandês.

O segundo homem era alto, com mais de um metro e noventa, costas largas, braços fortes e musculosos, pernas levemente arqueadas e rosto duro, como que talhado em granito. Os cabelos louros caíam, rebeldes, para a testa ampla, não chegando no entanto a ocultar o brilho intenso dos olhos azuis. Chamava-se Kirk Devine e era sargento dos Rurais do Texas. Na verdade, o Rural mais graduado depois do falecido capitão. Tinha trinta e dois anos apenas, mas seu rosto lembrava um homem mais velho, amadurecido e duro.

O Reverendo Sullivan pronunciou a oração fúnebre e, logo em seguida, o Sargento Devine disse algumas palavras, mal-alinhadas pela emoção, sobre as qualidades do desaparecido e o que significava sua perda para os Rurais e para a região. Terminou quase com raiva, como se esti-

vesse rebelando-se contra o destino, que arrebatara do mundo dos vivos um homem ainda na flor da idade. Porque o Capitão O'Neil, apesar de ter passado já dos cinqüenta anos, mantinha o vigor e o entusiasmo dos trinta. Com um nó desagradável na garganta, Kirk Devine segurou a estrela de cinco pontas que havia pertencido a Lawrence O'Neil e cravou-a na madeira escura do caixão. Quatro Rurais ergueram o ataúde com cordas e o foram descendo lentamente para a cova, enquanto o Reverendo Sullivan lia alguns trechos da Bíblia.

Quando o caixão repousou no fundo da cova, Kirk Devine agarrou um punhado de terra e jogou-a sobre a madeira. Foi imitado por todos os companheiros e pouco depois o ataúde estava quase completamente coberto. Seguiram-se os habitantes de Muleshoe que, além da terra, depositavam na cova aberta ramos de flores. Por fim, o coveiro terminou o serviço e as pessoas começaram a regressar à cidade. Os Rurais voltaram em grupo, entrando no Destacamento com a cabeça baixa, ainda mal-refeitos do trágico acontecimento. Mas a vida continuava para quem tinha ficado e era preciso encarar a realidade. Por isso, o Sargento Kirk Devine encaminhou-se para o posto de comando. Havia sido enviado já um telegrama para Amarillo, comunicando a morte

do comandante do Destacamento de Muleshoe, e logo estaria ali um substituto.

Devine olhou em volta, passando os olhos lentamente pela mesa de O'Neil, sua cadeira, as estantes onde guardava alguns livros e uma garrafa de uísque. Pegou uma caixa de charutos quase intacta que ficara sobre a mesa e abriu-a, sorrindo com tristeza. O capitão raramente fumava. No entanto, os charutos nunca faltavam em seu escritório.

A porta abriu-se e um Rural entrou.

— Chegou este telegrama, Kirk — murmurou Sol Sheldon, o melhor amigo do sargento, dentro e fora do Destacamento.

Kirk Devine abriu o telegrama com dedos trêmulos e leu:

De Amarillo ao Destacamento de Rurais de Muleshoe:

Impossível expressar aqui nosso profundo sentimento. Capitão O'Neil promovido postumamente a major, com honras a celebrar no Quartel-General. Que sirva de exemplo para todos. O Destacamento de Muleshoe, enquanto não for nomeado outro comandante, fica sob o comando do Sargento Kirk Devine.

Assinado: Comandante-Geral em Amarillo.

O telegrama caiu sobre a mesa e Kirk Devine, com expressão carregada, sentou-se na cadeira do comando.

— O que é que vou fazer, Sol? — perguntou.

— Comandar o destacamento — respondeu o amigo, gravemente.

— Mas eu não sei comandar um destacamento, Sol! Sou homem de ação, acostumado a viver em cima de um cavalo, na pradaria. Como vou conseguir ficar aqui, sentado, estagnando atrás de uma mesa?

— Basta lembrar-se do que faria o capitão. E não acho que seja preciso ficar aí sentado o tempo todo. Afinal, este destacamento não é um presídio, onde é preciso vigiar e orientar cada um que aqui vive. Sabemos perfeitamente quais são nossos deveres e obrigações, bem como os direitos, sem necessidade que o comandante fique lembrando isso a todo o momento. Você pode continuar sendo um homem de ação. Aliás, esse posto é transitório.

Kirk Devine olhou em volta mais uma vez e acabou soltando um murro no tampo da mesa.

— Droga, Sol! Me sinto como se estivesse usurpando o lugar que pertence a outro. Tenho a sensação de que o capitão vai entrar por aquela porta a qualquer instante e...

— Você está muito emocionado ainda Kirk. Deixe esfriar a cabeça e cumpra o seu dever. Era isso que o capitão gostaria que fizesse.

O Sargento Devine respirou fundo. Sol Sheldon tinha razão. Ele precisava fazer o que o capitão teria feito nas mesmas circunstâncias. O que, afinal, não era muito difícil. Tratava-se simplesmente de cumprir seu dever de Rural do Texas, provisoriamente no Comando do Destacamento de Muleshoe.

— Está bem, Sol. Está bem. Os rapazes que vão aos seus serviços. Cada um sabe exatamente o que tem de fazer e espero que não me criem problemas.

— Certo, Kirk. E eu, o que faço?

— Você volta aqui, droga! Como quer que eu assuma isto sozinho? Vou precisar de ajuda, para me orientar nesta papelada. Quatro olhos e duas cabeças devem fazer um melhor trabalho, não acha?

Sol Sheldon assentiu com a cabeça e deu meia-volta, saindo do posto de comando. Umas semanas atrás, teria feito uma rígida continência diante do Capitão O'Neil. Agora, esse ato simples de disciplina pareceria deslocado, mordaz. Por isso, saiu sem uma palavra, sem um gesto mais. Kirk Devine acendeu um cigarro e soltou algumas bafo-

radas longas, tentando recolocar as idéias nos seus lugares. A realidade dizia que o capitão não estava mais ali e não estaria nunca. Portanto, era preciso assumir essa nova situação. Esperava que de Amarillo mandassem logo um oficial qualquer para tomar conta do destacamento. Devine não agüentaria aquilo muitos dias...

— Kirk, começaram os problemas — disse Sol, entrando excitado.

Kirk Devine ergueu-se de um salto, com expressão de incredulidade no rosto.

— Você está brincando! Os rapazes...

— Não se trata dos rapazes. É um assunto mais sério.

— Fale logo, diabo! O que é que aconteceu?

— Assaltaram o banco esta manhã, durante o enterro! Levaram muito dinheiro. Todo o que havia no cofre. Não se sabe com certeza, mas parece que são cerca de cinqüenta mil dólares.

O sargento estava lívido. Não podia compreender uma coisa dessas. Que tivessem assaltado o banco, apesar da presença dos Rurais na cidade, era ainda um fato compreensível. Um bando mais ousado. mais corajoso, que achara poder ludibriar os homens da estrela de cinco pontas. Porém, o que Devine não conseguia aceitar era

que tivessem feito isso exatamente durante o enterro do capitão. Era o mesmo que rir da dor dos Rurais, de toda uma cidade, afinal! Devine engoliu em seco duas vezes, antes de perguntar:

— Como aconteceu?

— Estão aí os dois caixas do banco, Cordes e Laveen. Eles trouxeram a notícia.

— Mande-os entrar!

Sol compreendia como o sargento estava se sentindo. Porque na cabeça dele acontecia o mesmo. Canalhas! Aproveitar-se do luto, da dor dos Rurais para dar um golpe daqueles! Mais que um roubo, isso transformava o assalto numa ofensa pessoal aos Rurais do Texas. E, pela expressão de Kirk Devine, os assaltantes iriam arrepender-se para o resto da vida. Pouco depois, o Rural voltava, acompanhado de dois homens com as cabeças ligadas.

Harry Cordes tinha cinqüenta e seis anos, cabelos totalmente brancos, olhos mortiços. Era segundo caixa do banco. Jess Laveen, o primeiro caixa, devia andar pelos quarenta anos, gordo, de carnes flácidas e cabeça quase calva.

— O que é que aconteceu? — perguntou Kirk Devine.

— Bom, foi o banco...

— Aconteceu tudo tão de repente que...

— Parem! — gritou o sargento para os dois homens excitados. — Fale um só! Você, Cordes.

Harry Cordes deu um passo à frente, revirando nervosamente o chapéu nas mãos.

— Foi tudo muito rápido, Sargento Devine. Não deu para ver nada. Só sei que estávamos apenas os dois no banco. Mulroom, o diretor, tinha ido ao enterro do capitão. Ficamos nós dois cuidando do banco.. De repente, alguém me acertou uma pancada na nuca e desmaiei. Quando abri os olhos, Laveen tinha acabado de acordar também e me sacudiu. Alguém havia entrado e levou todo o dinheiro do banco. Cinqüenta mil dólares, mais ou menos.

— Você viu alguma coisa? — perguntou Kirk a Laveen, com os punhos apertados.

O primeiro caixa avançou um passo e murmurou:

— Nada, Sargento. Tudo o que posso dizer é o mesmo que Cordes falou. Foi muito rápido. Não deu para ver nem ouvir nada. Sinto muito...

— Mais ainda vão sentir os miseráveis que fizeram isso, Laveen! Pode ter certeza! — grunhiu o sargento. — Agora podem ir. Se, por

acaso, lembrarem de mais algum detalhe, venham aqui imediatamente.

— Muito bem, Sargento.

— Certo, Sargento Devine.

Os dois funcionários do banco deram meia-volta e saíram, fechando a porta do escritório atrás deles. Kirk Devine deixou-se cair na cadeira e suspirou:

— Você já pensou? A ousadia desses miseráveis? Fazer um assalto no momento em que enterrávamos o capitão! Mas eles me pagam, Sol! Eles me pagam!

— O que é que vamos fazer, Kirk? — perguntou Sheldon, imperturbável.

— Quero saber o nome de todo o mundo que não foi ao enterro, ou que saiu da cidade durante o funeral. Todos, sem uma única exceção, Sol.

— Certo. Vou mandar Pete e...

— Todos, Sol! Mande todos os rapazes disponíveis. Que vasculhem a cidade de uma ponta a outra. Quero as informações dentro de uma hora!

— Mas tem alguns rapazes que...

— Sol, isto é uma ordem! Que deixem tudo

o que estão fazendo e cumpram esta ordem imediatamente!

Sol Sheldon apertou os lábios. Compreendia o sargento, mas também não precisava exagerar e deixar-se levar pelo sentimento daquele jeito!

— Está bem, Kirk. Vou agora mesmo.

* * *

Uma hora mais tarde, Sol Sheldon estava de volta. O Sargento Devine tinha fumado dez cigarros e consumido quase sessenta minutos andando de um lado para o outro no pequeno escritório.

— Muito bem, Sol. Vá soltando o que souberam.

O Sargento Devine sentou-se atrás da mesa e Sol Sheldon ocupou a cadeira em frente.

— Você lembra-se daquele sujeito meio estranho, chamado Edward Narrows?

— Claro que me lembro. Por quê? — pestanejou Devine.

— Pois foi o único que saiu da cidade. Com a filha, naturalmente. Bom, pelo menos ele diz que ela é sua filha. Lembra-se dela?

— Você não lembra? — inquiriu com mordacidade o sargento.

Sol esboçou um sorriso.

— Bom, a verdade é que é difícil esquecer uma garota daquelas. Bonita, sem ser ostensiva, de corpo escultural, com os olhos mais negros que já vi, os lábios carnudos e os cabelos longos e pretos até os ombros. Uma figurinha encantadora, sem dúvida.

— Você reparou muito bem nela, Sol — comentou Devine, que se ia acalmando lentamente.

Aos poucos, o lobo que havia dentro do sargento estava tomando o lugar do homem emotivo e isso não era bom para os marginais.

— Já disse que é fácil reparar numa garota como aquela. Bem, mas o que interessa é que ela e o pai saíram do hotel, enquanto nós estávamos indo para o cemitério. Pagaram a conta do hotel, claro, e recolheram todas as suas coisas, o que leva a pensar numa saída definitiva da região.

— Hum... Pode ser.

— Ninguém mais apareceu nas ruas, durante o funeral. Pelo menos, ninguém viu qualquer outra pessoa. E umas três dúzias delas ficaram na cidade, em suas ocupações.

— Compreendo. Edward Narrows... — murmurou Devine. — Em que direção seguiram?

— Oeste. Novo México.

— É natural. Novo México é o Estado mais próximo da fronteira que fica a menos quilômetros daqui. Mande preparar minhas coisas, Sol.

— Preparar suas coisas?

— Claro. O que tem isso de tão anormal? Vou apanhar Narrows e trazê-lo de volta a Muleshoe.

— Mas você é o comandante agora, Kirk. Quem vai deixar nessa cadeira.

— Você, Sol!

— Eu?

— Por que não? Afinal, não penso ficar longe muito tempo.

— Mas, Kirk, eu podia ir e...

— Assunto encerrado, Sol. Eu vou pegar esses miseráveis. Você fica aqui. É a minha primeira ordem, Sol.

— Está bem. Para falar a verdade, esperava já essa reação da sua parte, Kirk. Mas estamos perdendo tempo. Vou ordenar que preparem o cavalo e o resto das coisas.

— É isso aí, Sol. Mexa-se!

— Certo.

Sol Sheldon deixou o Sargento Kirk Devine sozinho e saiu a cumprir as ordens.

Kirk Devine esqueceu completamente os assuntos do comando. Era o lobo que saía de sua pele de cordeiro em que fora obrigado a refugiar-se por alguns instantes. Meia hora mais tarde, os Rurais daquele Destacamento viram sair o novo comandante, muito ereto sobre o cavalo, equipado como em todas as ocasiões em que saía atrás de caça grossa.

Os Narrows iam ter uma surpresa.

CAPÍTULO SEGUNDO

Um fato irrelevante

O rumorejar do riacho chegava até ali, misturando-se com o ruído das folhas agitadas pela brisa do meio-dia. Nada mais perturbava a paz naquela clareira aberta no bosque de cedros. Sentada numa pedra, Flo Narrows tinha o olhar perdido nas águas buliçosas, alegres, que corriam sobre as pedras. Não pensava. Preferia não o fazer. A gente só pode pensar concretamente no passado, no que já aconteceu. E o passado não era agradável para Flo. Não propriamente por ela, mas pelo homem que estava sentado no chão, com as costas apoiadas numa árvore e um cigarro entre os lábios, a três metros dela. Parecia dormitar, mas Flo tinha certeza de que estava bem acordado. Ele, sim, pensava.

Edward Narrows, de cinqüenta anos e aspecto

duro, ainda forte, tinha os olhos semicerrados. Finalmente, ia conseguir viver em paz. Faltava menos de uma centena de milhas para pisar o chão do Novo México e isso era tudo o que desejava. Por ele e por Flo.

— Está dormindo, papai? — perguntou ela, levantando-se e dando alguns passos na direção dele.

— Não. Estava pensando.

— Pensando em quê?

— No futuro, Flo. O futuro tranqüilo que nos espera.

— Já não era sem tempo, papai. Estou cansada desta vida de sobressaltos.

— Não sei se os sobressaltos terão acabado, minha filha. Sou um homem marcado.

— Mas você não pode pagar a vida inteira pelos erros que cometeu no passado. Você agora é diferente, papai. Tem direito à paz, à tranqüilidade de qualquer homem honesto.

— Isso é o que você diz, minha filha. Mas nem todo o mundo pensa do mesmo jeito.

— Ora, não se preocupe. Vai ver que, longe do Texas, tudo vai ser diferente. Vamos levar

uma vida pacífica, sem medo. Talvez dura, com poucas comodidades no princípio, mas trabalharemos para melhorá-la.

Flo tinha-se abaixado junto do pai e ele passou a mão carinhosamente pelo rosto bonito. Não sabia se teria feito bem em chamar a filha para junto dele. Havia vivido vinte anos sem ela. Poderia continuar vivendo. Pelo menos, não a sujeitava a uma vida errante.

— Às vezes, penso que a maior besteira que fiz nos últimos tempos foi ter chamado você, Flo. Estava muito melhor em Austin, com sua tia.

— Meu lugar é ao seu lado, papai. Afinal, em casa de tia Maggie não passava de uma estranha.

— Mas você viveu lá quase dez anos!

— Eu sei — respondeu ela, com tristeza. — Mas isso não impediu que eu fosse tratada como uma sobrinha sem mãe e com um pai de paradeiro incerto. Não. Estou bem melhor junto de você.

— Esta vida não serve para uma criaturinha linda e frágil, Flo.

— Por isso estamos saindo do Texas. No Novo México, tudo vai mudar. Teremos nossa

casinha, mesmo pequena, não importa, você arrumará um trabalho honesto, decente e ganhará o suficiente para sobrevivermos. O tempo se encarregará de nos ajudar a melhorar nossa vida.

— Tomara que você tenha razão, filha.

— Claro que tenho razão, papai. Afinal, você não é procurado no Novo México. Até mesmo aqui, no Texas, ninguém conhecia seu passado. Se estamos saindo daqui, não é propriamente por causa da Lei...

Edward Narrows sorriu. Não, não era a Lei que o assustava. Na verdade, mesmo que os Rurais soubessem quem ele era, o que tinha feito no passado, nada podiam provar. E ainda que provassem, não eram crimes tão graves que uma sentença leve não deixasse resolvidos. O que o preocupava não era a Lei. Eram *eles*...

— Sim, não é a Lei, Flo. Mas eu lhe prometo que...

— Não precisa prometer mais, papai. Combinamos que ia esquecer isso. Sei que abandonou definitivamente seus anos de loucura e é isso que importa. Vamos para o Novo México, ou Arizona, tanto faz. Ali seremos simplesmente pai e filha, trabalhando decentemente.

— Está bem, Flo. Eu amo **você**. Prepare suas coisas.

— Eu também amo você, papai. Mas não precisa ter tanta pressa. Ainda quase não descansamos.

— É que desejo meter o máximo possível de terra entre nós e o Texas, filha. Eles podem aparecer por aí.

— Ora, papai, não acredito que seus antigos companheiros se preocupem muito com você, agora. Está longe deles há mais de um ano.

— Eu sei. Mas eles não esquecem que eu posso identificá-los e denunciá-los a qualquer xerife. Ou aos Rurais.

— Está bem. Em cinco minutos estarei pronta.

Flo ia levantar-se, quando uma voz seca chegou até eles:

— Fiquem onde estão! Quietos!

Pai e filha voltaram as cabeças para o lugar de onde tinha partido a voz e estremeceram. Ali estava um Rural, alto e forte, com expressão de lobo solitário. A estrela de cinco pontas brilhava sinistramente ao sol do meio-dia. O Rural empunhava o revólver ameaçadoramente e avançava para eles. Em meia dúzia de passadas largas, colocou-se atrás de Edward Narrows e aliviou-o do peso dos dois revólveres que levava nos coldres.

— Levantem-se!

— Mas o que significa isso, Rural? — perguntou Edward Narrows, começando a levantar-se.

— Levantem-se, e boca calada! — bradou Kirk Devine.

— Viu, filha? Não adianta, mesmo! Para esses homens, eu sempre serei uma fera.

— Deixe de conversa e vá pensando no que fazer até o julgamento.

Flo exclamou, indignada:

— Rural, quer fazer o favor de explicar o que significa esta palhaçada? Com que direito...?

— Cale a boca, Flo! — ordenou o Rural secamente.

— Como sabe o meu nome?

— Vocês não conhecem o meu?

— Não. Sei apenas que é um Rural de Muleshoe — murmurou a garota.

— É o Sargento Kirk Devine, filha — explicou o pai. — Provavelmente o comandante do Destacamento, agora que morreu o Capitão O'Neil.

— Justamente, Narrows. Agora que morreu o Capitão O'Neil. Vocês deviam lembrar-se desta morte com mais respeito, em vez de fazer o que fizeram.

— Fazer o quê? Nós apenas saímos de Muleshoe, Sargento. Não temos crime algum.

— Flo, traga suas coisas todas para aqui. Rápido!

— Você não tem o direito de...

— Minha filha, é melhor fazer o que ele manda. É um Rural e pode permitir-se todos os caprichos.

O Sargento Devine sentiu vontade de esmagar a boca de Narrows. Era capricho pegar dois miseráveis que se haviam aproveitado do enterro de um Rural para assaltar o banco da cidade? Controlou-se com esforço e grunhiu:

— É melhor calar a boca, se quer chegar inteiro a Muleshoe, Narrows.

Flo afastou-se para recolher todas as coisas e Narrows franziu a testa.

— Quer dizer que nos vai levar de volta a Muleshoe, Sargento?

— Pode apostar que sim, Narrows.

Flo chegou com as trouxas de roupa e os alforjes.

— Despeje tudo aí, no chão.

— Mas o que significa isto, Rural?

— Não sabem? Façam o que mando e parem com a hipocrisia. Não adianta mais fingir, garota. Vocês tentaram, mas não deu certo. Ponto final.

Furiosa, a filha de Narrows foi virando os alforjes e tudo o mais que podia conter algum objeto. Ali, no chão, ficaram expostos as roupas dela, do pai, utensílios de cozinha, gêneros alimentícios, poucos objetos pessoais de Flo, uma Bíblia... Mas, dinheiro, nem um centavo.

— Os bolsos, Edward Narrows! — ordenou.

O velho virou o forro dos bolsos e deixou cair o que continham. Uma bolsa de fumo, papel de cigarro, fósforos, um lenço e algumas notas.

— São cerca de duzentos dólares, Sargento. Todo o nosso dinheiro.

Kirk Devine sentia-se frustrado. Esperava encontrar o dinheiro roubado do banco.

— Podem guardar tudo e logo regressaremos a Muleshoe. Pelo caminho, vá refrescando a me-

mória, porque quero saber onde escondeu os cinqüenta mil dólares.

A expressão de pai e filha era da mais genuína perplexidade.

— Cinqüenta mil... — murmurou Narrows. — O que nós temos a ver com tanto dinheiro?

— Não sabem? — Kirk Devine soltou uma risada sarcástica. — É o produto do assalto ao banco, roubado enquanto nós enterrávamos nosso comandante, o Capitão O'Neil. Foi uma jogada audaciosa, bem bolada, Narrows. Mas deviam ser mais inteligentes e pensar que isso era ofender diretamente os Rurais. Jamais escapariam. Nós os perseguiríamos até o inferno, se fosse preciso.

— Mas o que é que você está falando, Sargento? — perguntou Narrows, com um sorriso de alívio. — Nós não podíamos ter roubado esse dinheiro.

— Não sei por quê, Narrows.

— Porque... porque... — gaguejou Flo, ainda não refeita do espanto. — Porque não podia, Sargento. Meu pai esteve sempre comigo, a manhã inteira. Saímos de Muleshoe, quando o funeral passou. Meu pai comentou alguma coisa sobre o capitão, não me lembro o quê, e logo

viemos embora. Saímos da cidade sem parar em lugar nenhum!

— Eu não esperava que vocês confessassem imediatamente.

— Sargento, está cometendo um erro tremendo! E não tem o direito de nos prender, uma vez que não encontrou o dinheiro!

— Não tenho o direito? Mas vou prender assim mesmo.

— Mas não pode fazer isso, Sargento! — insurgiu-se de novo a garota.

— Não adianta, Flo — interveio Narrows tranqüilamente, começando a recolher as coisas. — Compreendo o Sargento Devine e acho que sei como os Rurais devem sentir-se. Mas não demorará muito para que nos peçam desculpas, filha.

Kirk Devine estava confuso. A tranqüilidade de Narrows, aliada ao fato de não ter achado o dinheiro entre os pertences dele, não correspondia ao que esperava. De qualquer maneira, faria o que se propusera. Ia levá-lo de volta para Muleshoe e prosseguiria as investigações.

— Vamos depressa com isso. Não quero ficar muito tempo longe do destacamento e tenho pressa em encerrar este caso.

— O que vai fazer com minha filha? Vai metê-la numa cela também, Sargento?

— Ficará confinada, claro. Mas não necessariamente numa cela. Isso só depois de eu provar a culpabilidade de vocês e achar o dinheiro roubado.

— Mas nós não roubamos esse dinheiro, Sargento! — quase implorou a garota.

— Se acreditássemos em todos os ladrões, cada vez que dizem que não roubaram, jamais apanharíamos um culpado, Flo — retrucou o sargento.

— Mas nós estamos inocentes, Sargento! Pense um pouco. Se tivéssemos sido nós, você teria encontrado o dinheiro!

— Não forçosamente. Podem tê-lo escondido. E não acham sintomático que estejam fugindo, exatamente quando o roubo foi cometido?

— Nós não estávamos fugindo! Estávamos partindo para o Novo México, onde papai e eu vamos recomeçar nossa vida.

— É fácil recomeçar uma vida, com cinqüenta mil dólares roubados — disse secamente Devine.

— Você é mesmo cabeça-dura, Sargento! E obtuso e grosseiro, também! — bradou a garota.

Devine riu com sarcasmo.

— Não adiantam os insultos, Flo. Cuide de suas coisas e vamos voltar.

— Mas papai não pode ficar muito tempo no Texas! Você não entende?

— Não. Não entendo. E não quero entender. Nem ouvir mais nada. Vamos logo! E vá pensando no lugar onde escondeu o dinheiro, Narrows.

Montaram em silêncio. Edward Narrows, com a boca apertada, aproximou o cavalo do da filha.

— Flo, você não pensa que eu...?

— Não, papai. Claro que não penso uma coisa dessas. Sei que não o podia ter feito. Ainda que não tivesse passado a manhã inteira junto de mim, acredito em sua palavra.

O velho sorriu, feliz, apesar das circunstâncias. Era bom escutar aquilo dos lábios da filha.

— Tudo vai se esclarecer, filha. Você verá. E os Rurais nos pedirão desculpas. Logo poderemos ir embora, recomeçar nossa vida.

— Eu sei, papai — respondeu ela, apreensiva, com uma ruga na testa.

Pouco depois, cavalgavam de regresso a Muleshoe. E Edward Narrows, apesar da insistência

de Kirk Devine, não se lembrava do lugar onde tinha escondido o dinheiro...

* * *

Os dois comissários da delegeacia de Muleshoe levantaram-se, quando o Sargento Devine entrou, e sorriram, deixando as cartas de lado.

— Tudo bem, Sargento — disse um deles.

— Ótimo. Vou falar com o preso.

Assentiram e voltaram ao jogo, que os mantinha ocupados durante os dias calmos da cidade. Com os Rurais ali, os criminosos raramente se atreviam a aparecer em Muleshoe. Kirk Devine passou para o corredor das celas e deteve-se diante da única ocupada.

— Narrows.

O preso levantou-se com indolência do catre e aproximou-se das grades.

— Vai me soltar agora, Sargento? — perguntou, com um sorriso.

— Ainda não. Recebi informações a seu respeito, do quartel-general. Quer que lhe leia o que dizem?

— Não precisa, Sargento. É um assunto que prefiro esquecer. Sei muito bem o que fiz. Mas suponho que essas informações acabam dizendo que a Lei nada tem contra mim, agora.

— Exatamente, Narrows. De qualquer maneira, você pertenceu ao bando de Ben Wallace.

— Também é verdade. Cumpri seis anos de cadeia por causa disso.

— Ben Wallace é um dos piores assassinos e bandidos do Texas.

— Por esse motivo afastei-me dele e recusei suas propostas para me juntar à quadrilha de novo.

— E desde então para cá não fez mais nada de que sua consciência o possa acusar, suponho...

— Uma ou outra coisa sem importância. Os Rurais nem perderiam tempo com elas.

— Mas Ben Wallace continua por aí, segundo parece não muito longe de Muleshoe.

Narrows empalideceu. Aquilo era o que ele temia.

— E o que eu tenho a ver com isso, Sargento? — perguntou, tentando aparentar uma calma que não possuía.

— Podia ter-se arrependido de haver recusado as propostas de Wallace e voltar a trabalhar com ele. Isto explica eu não ter achado o dinheiro em seu poder...

Narrows soltou uma curta risada nervosa.

— Não diga besteiras, Sargento. Sinto muito desapontá-lo, mas nunca mais vi Wallace, desde que saí da prisão e fui visitado por ele, em Amarillo.

— Claro que não sou obrigado a acreditar nisso, Narrows, não acha?

— É evidente. Mas mais cedo ou mais tarde você vai descobrir que está enganado e, como eu disse, nos pedirá desculpas.

— É possível. E se isso acontecer, pedirei essas desculpas sem constrangimento. Mas tenho minhas dúvidas.

O preso sorriu, mais tranqüilo.

— E minha filha, onde está?

— No destacamento. Não pode sair de lá.

— Ainda bem. Fico mais tranqüilo, assim.

— Tranqüilo, por quê?

— Porque no destacamento ela está segura. Não ficaria sossegado, se soubesse que ela estava

no hotel, por exemplo. Facilmente poderia ser linchada por esse bando de idiotas.

— Em Muleshoe ninguém é linchado, Narrows — repôs o sargento, com dureza. — Pelo menos, enquanto os Rurais do Texas aqui estiverem.

— É um consolo saber disso, Sargento. Por mim, não estou muito preocupado. Mas por ela...

— Onde pretende chegar com tudo isto, Narrows?

— A lugar nenhum, Devine.

Kirk fechou os olhos por um momento. Aquele homem, Narrows, estava perfeitamente tranqüilo. Além disso, a maneira como falava era a de alguém que não tem medo da verdade. Passos soaram no corredor e o sargento voltou-se. Harry Cordes e Jess Laveen estavam ali.

— Muito bem, Cordes e Laveen. Olhem bem para esse homem e vejam se o conseguem identificar como um dos assaltantes do banco.

Os dois funcionários olharam atentamente para Narrows, com a testa franzida. Viam o preso através das grades mas, assim mesmo, podiam observar perfeitamente a cabeça de cabelos embranquecidos, os ombros fortes e as mãos grandes. Narrows estava usando um terno marrom,

com um laço da mesma cor sobre a camisa amassada. O próprio terno precisava ser passado.

— E então? — perguntou Devine, após alguns minutos.

— Não — disse Cordes. — Não posso dizer nada, Sargento. Já afirmei que não vi ninguém. Me bateram na nuca e desmaiei. Quando acordei, ali só estava Laveen, com os pulsos amarrados, como eu, me sacudindo.

— E você, Laveen — o sargento voltou-se para o primeiro caixa.

— Também não posso acrescentar mais nada, Sargento. Aconteceu exatamente o mesmo comigo. Fui golpeado pelas costas e, quando despertei, Cordes ainda estava desmaiado. Ambos tínhamos sido amarrados depois de nos deixar sem sentidos.

Narrows sorriu calmamente e Kirk Devine suspirou.

— Está bem. É só isso. Podem voltar para o banco.

Os dois funcionários saíram e Kirk Devine voltou-se para Narrows, que estava agarrado às grades. Apesar de seu sorriso tranqüilo, o velho tinha gotas de suor na testa. Segundos depois, os bancários voltaram.

— O que é? Lembraram-se de alguma coisa? — perguntou o sargento.

Foi Laveen quem se aproximou.

— Cordes acha que se lembrou. Mas tem receio de falar, porque não tem certeza. Mas eu acho que tudo o que pudermos dizer vai ajudar.

— Claro, Laveen. Cordes, o que foi que você se lembrou?

— É o terno desse homem... Não sei, mas antes de ser golpeado, tenho uma vaga sensação de ter visto uma mancha marrom ao meu lado. Podia ser o terno de Narrows... Não sei.

— Só isso?

— Só. Eu bem disse para Laveen que era irrelevante, mas ele insistiu que eu devia contar e...

— Pode não ser irrelevante, Cordes. De qualquer maneira, obrigado.

Os dois homens saíram definitivamente da delegacia e Devine observou o preso. As gotas de suor tinham aumentado, em sua testa.

CAPÍTULO TERCEIRO

Um sargento muito humano

O pátio do destacamento estava completamente às escuras. Kirk Devine atravessou-o com passos firmes e bateu na porta de um dos quartos dos alojamentos de oficiais. Esperou alguns instantes e logo a porta se abriu. A figura elegante de Flo Narrows recortou-se contra o retângulo iluminado. Tinha colocado uma *écharpe* sobre os ombros, destacando a brancura do rosto. Era evidente que havia chorado, pois os olhos estavam rodeados por manchas negras.

— Quem é...?

— Sou eu. Sargento Devine.

Ela afastou-se e ele entrou, seguindo-a. A porta ficou aberta.

— Vem me dizer que libertou meu pai?

— Não, Flo. A situação não se alterou muito desde esta tarde.

— Sargento, meu pai não cometeu esse roubo. Nós nos levantamos às oito horas e, desde esse momento, ele esteve comigo. Eram cerca de nove horas, quando montamos e saímos da cidade. . .

— Com o dinheiro.

— Não, Sargento. Nós saímos da cidade quando estava passando o funeral do Capitão O'Neil. Nada temos a ver com esse roubo. Mas se você insiste nessa atitude, não tenho mais nada a dizer. Faça o que achar melhor. O que veio fazer aqui?

— Saber se você precisa de alguma coisa.

— Não. Não preciso de nada. Todos me tratam muito bem. Só quero que use seu tempo e suas armas para capturar os verdadeiros ladrões e libertar meu pai. Espero que nos peça desculpas.

— Gostaria de o fazer, Flo.

— Gostaria? Por quê?

— Bem, por mil razões. Mas vamos deixar isso agora. Já comuniquei para Amarillo e, logo que receba notícias, vocês serão transladados para lá, onde serão julgados. Quero que sintam todo o peso da Lei e em Amarillo farão isso melhor do que aqui.

A garota olhou-o com profunda tristeza, os lábios tremendo e as mãos apertadas, nervosamente.

— Você está cometendo um erro tremendo, Devine...

— Tomara que esteja. Talvez não acredite, mas ninguém se alegrará mais com isso do que eu.

A garota conteve a respiração. Não fazia sentido o que aquele homem estava dizendo.

— Você conhece Ben Wallace?

Ela surpreendeu-se um pouco com a pergunta.

— Não pessoalmente. Meu pai me falou dele.

— Parece que seu pai não lhe oculta nada, pois não?

— Ultimamente, não. Nós estávamos justamente fugindo do que Wallace representa. Ora, mas isso não lhe interessa, pelo visto.

— Talvez interesse, Flo. Procure entender.

— Deus sabe como me esforço para isso, Sargento. Mas não consigo. Você não tem prova alguma contra nós, não achou o dinheiro em nosso poder, nada! Mantém-nos detidos apenas porque estávamos deixando a cidade no momento em que enterravam o seu capitão. E algum miserável assaltou o banco. Inclusive, nenhum dos funcionários atacados identificou meu pai.

— Talvez não...

As evasivas do Sargento Devine estavam irritando Flo Narrows.

— Como, talvez não? Eu ouvi quando você disse que nenhum dos funcionários tinha visto os assaltantes.

— Surgiu uma pequena alteração. Um deles pensa ter visto uma mancha marrom ao lado dele uma fração de segundo antes de ter sido atingido. E acha que pode ter sido o terno de seu pai.

Flo empalideceu.

— Tudo isso é uma loucura total, Sargento! E tinha que acontecer logo agora que estávamos dispostos a recomeçar nossas vidas honestamente, em outro Estado onde Wallace não fosse...

Devine deu meia-volta e saiu do quarto, com uma péssima impressão de si mesmo. Estava quase de acordo com ela. Tudo aquilo não passava de uma completa loucura, ainda por cima o primeiro caso sob seu comando! Andou em silêncio pela calçada de tábuas da rua principal, fumando um cigarro. Precisava pensar. Mas os olhos negros de Flo Narrows e seu rosto sofrido perseguiam-no sem descanso. Depois de atravessar um beco escuro, ao lado do *saloon,* deteve-se

de repente. Uma sombra se materializara a menos de um metro dele.

— Passeando, Sargento?

— Tentando esquecer o mau cheiro, Arlington.

— Não é muito amável de sua parte, Sargento. Dores de cabeça com o caso do banco?

Devine teve vontade de estourar a cabeça de Fred Arlington, jogador e trapaceiro profissional, vigarista astuto e escorregadio como uma serpente.

— O que é que você tem com isso? — perguntou, de mau humor.

— Talvez tenha alguma coisa. Pelo menos, talvez possa ajudar.

O sargento dos Rurais do Texas ficou tenso. Aquilo era inesperado. Não confiava nem um pouco no jogador, mas nada perdia em escutá-lo.

— A troco de quê?

— Bom, digamos que de um pouco de tranqüilidade. Ultimamente você me persegue quase com obsessão.

— Não posso negar que sinto uns desejos loucos de meter você atrás das grades, Arlington.

— Eu sei disso. E sei também que tem poder para me prender, enforcar, abater com um tiro,

fazer o que quiser no momento em que eu cometa a menor imprudência. Porém, até lá, talvez possa lhe dar algumas dicas a troco de me deixar em paz por algum tempo. O que acha?

Kirk Devine agarrou o outro pelo paletó impecável e sacudiu-o brutalmente.

— Solte imediatamente o que tem para dizer, Arlington. Não estou com muita paciência!

— Calma, Sargento. Afinal, tenho os meus direitos, não é? E não fiz nada para merecer seus maus tratos.

— Eu acho que fez, Arlington. A proposta que sugeriu pode bem ser interpretada como tentativa de suborno. Ou ocultação de provas. O que acha disso?

O jogador respirou com força, quando o Rural o soltou, e alisou as roupas.

— Não lhe fiz proposta alguma, Sargento. Quanto ao que eu posso lhe dizer, é simples. Já ouviu falar de Ben Wallace?

— Já. Infelizmente.

— Pois é. Onde está Edward Narrows, pode apostar que, por perto, encontra-se Ben Wallace.

— Você o conhece?

— Não sou a única pessoa que conhece Wallace nesta cidade. E Narrows não assaltou o banco sozinho...

— Está insinuando que...?

— Não, Sargento. Não estou insinuando nada. Simplesmente sendo lógico. No seu lugar, ficava de olhos bem abertos, porque me consta que Wallace não tardará muito a aparecer por Muleshoe.

— Já entendi. Você vai nos informar quem ele é. Quer dizer, vai apontá-lo com o dedo quando ele menos esperar. É isso?

— Faço qualquer negócio por um pouco de tranqüilidade. Sabe, sou um sujeito inquieto. Quando me levanto, o *saloon*, meu lugar de trabalho, está fechado ainda. Por isso gosto de cavalgar por aí. E hoje, há umas duas horas, mais ou menos, me pareceu ver um movimento suspeito de cavalos em determinada região da comarca.

Kirk fez um esforço para não apertar o trapaceiro e obrigá-lo a falar tudo o que sabia, de uma vez. Depois pensou que nenhum de seus homens conhecia Ben Wallace. E que precisava de Arlington para o identificar, se realmente aparecesse na cidade.

— Está bem, Arlington. Você vai ser deixado

em paz por algum tempo. Mais exatamente, até quando fizer a primeira sujeira. Em troca disso, quero que nos informe quando Wallace estiver na cidade.

— Perfeito, Sargento. Pode contar com minha colaboração — respondeu o jogador, com cinismo.

— A qualquer hora, do dia ou da noite, Arlington.

— Bom, não espera que eu esteja acordado a certas horas, especialmente durante a manhã, não é? Não esqueça que eu trabalho noite afora e preciso descansar, durante o dia.

— Você ouviu o que eu disse.

Sem mais palavras, afastou-se dali, deixando o jogador com um sorriso irônico, chupando o cigarro negro e comprido. Andou pela calçada, meditando no que Arlington dissera. Se Ben Wallace estivesse por perto, isso podia significar duas coisas. Ou Narrows estava trabalhando de cumplicidade com Wallace e este vinha com o bando para tentar arrancar o preso da cadeia, ou Wallace nada sabia do dinheiro e viria disposto a levar Narrows para lhe arrancar os cinqüenta mil dólares. De qualquer maneira, precisava tomar providências quanto à segurança de Edward Narrows e da filha. Sentiu-se mal, ao pensar que, em cada uma das duas hipóteses, Narrows aparecia como culpado.

Bateu na porta da casa de Jess Laveen e esperou. Talvez o primeiro caixa se lembrasse de mais alguma coisa. Dois minutos mais tarde, repetiu a chamada. Ou Laveen não estava em casa, ou fora dormir cedo. Continuou sua ronda e parou em frente da casa de Harry Cordes. Bateu e, pouco depois, o velho caixa do banco vinha abrir.

— Sargento Devine... O que aconteceu?

— Nada, Cordes. Simplesmente estava passando por aqui e me lembrei de bater. Talvez você se tivesse lembrado de mais algum detalhe.

— Não. Continuo sabendo o mesmo, Sargento. Mas entre, por favor. Posso lhe oferecer um uísque? Ou um café?

— Um cafezinho, talvez.

— Ótimo. Acabei de fazer. Está bem quente ainda.

Kirk Devine entrou na pequena casa onde Harry Cordes vivia sozinho.

— Não repare na desarrumação, mas sabe como é... Velho e só...

— Não se preocupe com isso, Cordes. Estou acostumado.

— Não descobriu mais nada, Sargento? Receio

que vá perder meu emprego, se esse dinheiro não aparecer logo.

— Não se alarme à-toa, Cordes. Nós vamos recuperar o dinheiro do banco. É pena que você não possa acrescentar mais nada. Seria mais rápido.

— Sinto muito, Sargento. Mas também não posso inventar, não é? Tudo aconteceu depressa demais. Não deu para ver ninguém mesmo. Nem eu nem Leveen.

— Entendo, Cordes. Bom, temos algumas pistas e logo daremos com os ladrões e com o dinheiro.

O velho sentou-se numa cadeira em frente de Devine, depois de lhe entregar uma caneca com café.

— Tomara que não demore, Sargento. Já comunicamos a ocorrência à matriz do banco, em Austin, e até estou com medo de ler a resposta, quando ela chegar.

— Não se preocupe, Cordes. Usarei de toda a força dos Rurais para proteger seu emprego. Como vai Jimmy?

O velho empalideceu e sua expressão ficou sombria.

— Mal, Sargento. Cada vez pior, eu diria. Ou é a mulher que adoece, ou os garotos, ou as pou-

cas cabeças de gado que morrem envenenadas, ou as colheitas que secam. O rapaz não tem sorte mesmo.

— E Joan? E os garotos?

— Fico doente por falar nisso, Sargento. Joan, coitada, está cada vez mais fraca. Os filhos não sabem nem o que é sorrir. Eu vou ajudando-os com o que ganho, mas não dá para muito. Enfim, meu filho merecia um pouco mais de sorte.

— Sabe, Cordes, estive pensando e... Bem, não quero que pareça uma esmola mas... Eu tenho algum dinheiro. Não é muito. Mil dólares, talvez. Vou mandar entregar a Jimmy. Pelo menos, ajuda um pouco, não é? E quem sabe, entre os rapazes, no destacamento, a gente consiga arrumar mais algum...

O velho engoliu em seco, diversas vezes. De repente, sentia um nó na garganta e uma dor atroz na cabeça, bem em cima das sobrancelhas.

— Não deve fazer isso, Sargento. Você e seus rapazes precisam do dinheiro que ganham e que não é muito. Eu vou ajudando Jimmy e, com um pouco de sorte, talvez as coisas ainda melhorem para ele.

— Nós não sabemos mesmo o que fazer com o dinheiro, Cordes. Depois, se havemos de o

gastar num *saloon* qualquer, bestamente, sempre podemos fazer alguma coisa útil com ele.

— Eu... eu não sei como lhe agradecer, por meu filho, Sargento. Você... Sabe por que é que eu vivo na cidade e não no rancho, com ele?

O sargento ficou calado e serviu-se de mais um pouco de café.

— Por covardia, Devine. Não agüento mais ver meus netos naquela situação. Nem minha nora enfraquecendo daquele jeito, sempre doente. Jimmy está revoltado, mas o que podemos fazer, meu Deus?

Kirk sentiu pena do velho. Era a imagem do desespero. Profundas olheiras falavam das noites sem dormir, das preocupações cada vez maiores.

— Desculpe, Cordes. Não devia ter falado nisso.

— Talvez me tenha feito bem, Sargento. Preciso desabafar com alguém que me entenda, que sinta minha dor, meu desespero. Sou um velho, Devine. Se tivesse mais força, eu mesmo daria um jeito de mudar as coisas com meu filho. Mas, assim, a única coisa que posso fazer é fugir do espetáculo deprimente que é aquele rancho. E preciso muito falar com alguém, como disse. Você é mais humano do que muitos pensam, Devine.

E depois, talvez esse malfadado roubo no banco me custe o emprego e aí já nem com a miséria de meu salário poderei ajudar Jimmy.

— Isso não vai acontecer, Cordes. Nós encontraremos o dinheiro.

— Confio nos Rurais, mas...

— Não se preocupe. E vou emprestar aquele dinheiro a Jimmy.

— Não sei se devo fazer isso, Sargento.

— Não é por Jimmy nem tampouco por Joan, Cordes. Mas as crianças... Diabo! Por que é que terão de sofrer os inocentes? Quero que os garotos comam bem, se alimentem, engordem, como se fossem crianças felizes. E, depois, mil dólares não são nada, mas eu também não sei o que fazer com eles. E talvez entre os rapazes do destacamento...

— Cale-se, Sargento!

Foi quase um grito; o que partiu da garganta de Harry Cordes, que se tinha levantado, os lábios brancos, os punhos fechados. Kirk ficou atônito.

— Desculpe, Devine — murmurou o velho, relaxando. — Acho que estou nervoso demais... Não sei o que me deu de repente e...

— Não se preocupe, Cordes. Eu compreendo.

— Devine, não sei como dizer que...

— Não diga nada, Cordes. Peço-lhe apenas que me comunique algum detalhe mais que se lembrar. Não gosto de acusar inocentes.

— Inocente? Diz isso porque a filha dele é muito bonita?

Kirk apertou os lábios, furioso, e respondeu secamente:

— Agora você disse uma besteira, Cordes.

— Meu Deus! Não sei o que está acontecendo comigo, Sargento. Estou ficando louco! Desculpe, eu...

— Está bem — serenou-se o Rural. — Compreendo que seu estado de ânimo não é o melhor, neste momento. Procure acalmar-se. De qualquer maneira, penso enviar os Narrows para Amarillo, a fim de serem julgados lá, onde estarão sob todo o peso da Lei. Espero que isso os impressione.

Pouco depois, o Sargento Devine metia-se em seu quarto, no destacamento, pensando que Flo provavelmente estaria dormindo. Ou chorando.

CAPÍTULO QUARTO

Um jogador astucioso

Ao abrir-se a porta do barracão de comando, Kirk levantou os olhos e fixou-os em Sol Sheldon.

— E daí?

— Droga, os rapazes não são milionários, Kirk. Conseguimos alguma coisa, mas foi pouco.

— Quanto?

— Quatrocentos dólares.

— Bom, já são mil e quatrocentos, não é?

— É. É isso aí. Mil e quatrocentos.

— Muito bem. Vá levá-los a Jimmy. Ou Joan. O primeiro que encontrar. Antes, passe pelo armazém e leve alguma coisa para os garotos. Quero saber que eles ficaram felizes. E de barriga cheia.

— Mas, Kirk, que diabo...?

— Ora, cale a boca, Sol! Você faria o mesmo. Andando, rapaz. Andando!

— Está bem, está bem, Kirk. Já sabia que você tinha um coração mole. Outra coisa: que piada é essa de mandar os Narrows para Amarillo, a fim de serem julgados? Não há necessidade disso. Temos juiz e autonomia para os julgar aqui mesmo.

Kirk sorriu, antes de responder:

— Estou armando ratoeiras, Sol.

— Ratoeiras?

— Isso mesmo. Pensava contar-lhe quando você voltasse do rancho de Jimmy, mas já que falou, aí vai. Arlington, o jogador, deve ser vigiado dia e noite, por dois rapazes. Ele cometeu o erro de se colocar em evidência. Fizemos um trato, ontem à noite. A troco de o deixarmos em paz por algum tempo, ele nos indica quando Wallace entrar na cidade. Ele conhece-o.

— Mas Wallace não estava na cidade.

— Isso é o que nós não sabemos, Sol. Nem você nem eu o conhecemos.

— Isso é verdade. Mas... e os Narrows?

— Não acredito na culpabilidade deles.

— Como não acredita?

— Não acredito, pronto. E agora? Um palpite, talvez.

— Entendo. E se Wallace não esteve mesmo na cidade?

— Arlington esteve.

— Mas o que isso tem a ver...?

— Eu me entendo. Trata-se de um palpite só e não quero arriscar nada. Agora, vá. Leve o dinheiro a Jim Cordes. E veja se faz os garotos rirem. Criança que não ri, é como um jardim sem flores.

— Poético, isso, Kirk — zombou Sol Sheldon.

— Vá para o diabo que o carregue, coiote! E não esqueça de passar no armazém.

— Muito bem, Sargento! — Sol esboçou uma continência zombeteira e encaminhou-se para a saída.

Kirk ficou olhando a porta por alguns instantes ainda. Se os filhos de Jim Cordes sorrissem, ele se daria por satisfeito.

* * *

No começo da tarde, ainda sem novidades, Kirk Devine estava trabalhando quando bateram na porta. -

— Entre.

A folha de madeira abriu-se e a figura magra e doentia de Joan Cordes apareceu.

— Queria vir-lhe agradecer, Sargento Devine — murmurou a mulher.

Devia ter uns trinta anos, era alta e magra, com o rosto amarelado pela doença e pelo sofrimento. Os olhos azuis estavam sem brilho, violáceos em volta. Era uma figura triste, em resumo, apesar da beleza que se podia ainda admirar nela.

— E foi incomodar-se por causa disso, Joan?

— Era o mínimo que podia fazer, Devine. Esse dinheiro estava fazendo tanta falta! Sabe, Jimmy não queria aceitar. Compreendo como ele se sente, mas precisávamos mesmo que alguém nos ajudasse. E eu o convenci a não voltar as costas à Providência.

— Alegro-me que você seja uma mulher prática. E Jimmy onde está?

— Trabalhando feito um louco. Disse que eu teria mais jeito para lhe agradecer. É sempre constrangedor, entende?

— Claro que entendo, Joan. E não precisava vir até aqui. Os garotos já riram?

— Já. Sol Sheldon levou comida e uns doces para eles. Ficou lá contando umas histórias

engraçadas até que conseguiu fazer com que eles caíssem na gargalhada. Hoje é um dos dias mais felizes de minha vida, Devine.

— Perfeito, Joan. Agora, tenho trabalho a fazer. Por isso, vá cuidar de sua família.

— Devine, não precisa ficar encabulado quando alguém lhe agradece uma boa ação.

— Bem, eu...

— Está bem, Sargento. Não vou incomodar mais. Tenho a carroça aí fora. Pela primeira vez, em muitos anos, vou levá-la cheia de mantimentos. Obrigada, por nós e pelos garotos, Devine.

O sargento assentiu apenas com a cabeça. Sentia-se bem, agora. Ela saiu e ele acendeu um cigarro. Não havia sido muito, mas fizera alguma coisa pelos outros.

Estava escurecendo, quando saiu do barracão de comando. Iria dar uma volta pela cidade, para ver se tudo estava em ordem. Parou na varanda, surpreendido, vendo Flo Narrows passeando no pátio. Aproximou-se dela.

— Ainda bem que você reagiu, Flo.

— Por que esse tom de amizade, agora, Sargento?

— Hum... Não tinha reparado. Por que será mesmo, hem?

Flo ficou um tanto perplexa.

— Escute, ouvi falar do que você fez por essa família.

— E daí?

— Incomoda-o falar nisso?

— Tenho coisas mais importantes em que pensar, Flo. O que mais me preocupa é você e seu pai.

— Quando vai nos mandar para Amarillo?

— Não vou mandar vocês para Amarillo.

— Mas...

— Bem, em primeiro lugar, sei o que faço. Depois, não tenho que dar explicações. Me interessa que acreditem que vocês vão ser transferidos para Amarillo e que eu creio na culpabilidade de vocês.

— E não crê, Sargento?

— Não.

— Então tem que nos soltar. Nós...

— Ainda não, Flo. Tenho motivos para manter vocês onde estão.

— Mas por quê, Sargento?

— Ora, pense um pouco, Flo, e descobrirá você mesma os motivos que me levam a atuar assim.

Ela ficou calada por instantes e ele deu meia-volta. Ia afastar-se, quando a voz de Flo o reteve:

— Kirk, espere um pouco.

— O que é?

— Acho que já o entendi. O que o fez mudar de parecer a nosso respeito?

— Muitas coisas. Não fique pensando bobagens.

— Que coisas?

— Sei lá. Talvez você, sua expressão, a sinceridade que vejo em seus olhos me tenha feito meditar. E depois sua atitude também parece ter mudado.

— Por que não, Kirk? Escute, isto vai durar muito ainda?

— Não sei. Não depende de mim. Por quê?

— Tenho medo que possa acontecer alguma coisa... muito triste.

— É a primeira vez que ouço dizer que é triste apaixonar-se.

A garota mordeu os lábios.

— Não... não quis dizer isso.

— Claro que não — sorriu o Rural. — Bem, continue seu passeio. E obedeça qualquer ordem que lhe derem os meus rapazes. Certo?

Sem esperar resposta, voltou-se e saiu do destacamento. Deu uma volta pela cidade e regressou ao quartel. Tudo continuava em ordem. Os acontecimentos estavam custando para se precipitar. Estava em seu escritório há vinte minutos, pensando, quando a porta se abriu e Sol Sheldon entrou, excitado.

— Kirk — disse.

— Vamos, rapaz. Fale de uma vez.

— Vamos ter trabalho, Kirk. Wallace está na cidade.

O sargento levantou-se de um salto.

— Tem certeza?

— Claro. Neste momento está no *saloon*. Acompanham-no três outros pistoleiros, bem perigosos, segundo parece. Ariington nos informou.

— O que é que você fez?

— Bom, destaquei os dois colegas que estavam vigiando Arlington para ficar de olho em Wallace e...

— Droga, Sol! Era isso exatamente que Fred Arlington esperava que nós fizéssemos. Enquan-

to ficamos embrulhados com Narrows e Wallace, ele está completamente livre, sozinho, em ótimas condições para se mandar da cidade, com cinqüenta mil dólares!

Sol Sheldon empalideceu.

— Kirk, você acha que...?

— Era esse o plano original do trapaceiro, Sol. Aposto minha carreira!

Sol era a imagem viva do desapontamento.

— Acho que fiz uma burrada enorme, Kirk. Eu...

— Agora não adianta mais, Sol. De qualquer maneira, Wallace está sendo reclamado pelo quartel-general. De forma que vamos pegá-lo. Depois, seguiremos Arlington. Bom, quatro homens vão para a delegacia, reforçar a segurança da cadeia, pois acho que Wallace vai tentar tirar o preso de lá, esperando abocanhar os cinqüenta mil dólares que acha que estão em poder de Narrows. Você fica aqui e eu vou pegar Wallace com os dois rapazes que o vigiam.

— Eu fico aqui? Você está...?

— Não é nada disso, Sol. Preciso de você aqui para garantir a proteção de Flo Narrows, entende? Você é o sem-vergonha em quem mais

confio para esse trabalho. Ficará aqui com os quatro rapazes que sobraram. Compreendido?

O sorriso voltou ao rosto de Sol Sheldon, depois de ter pensado que o amigo estava marginalizando-o por sua estupidez ao deixar Arlington sem vigilância.

— Alguma dúvida, Sol?

— Não. Nenhuma, Kirk. Agora está tudo bem — sorriu Sheldon.

— O que é que está esperando então? Mexa-se, rapaz. Distribua os homens e volte para o destacamento correndo. Não acredito que Wallace saia já do *saloon*, mas não precisamos facilitar.

Sol Sheldon saiu do posto de comando quase correndo. Kirk Devine sorriu com dureza. O cerco estava começando a fechar-se. Em breve, teria a raposa ardilosa dentro da armadilha.

CAPÍTULO QUINTO

O beco fatídico

— Deixe a garrafa quieta, Young!

O homem barbudo, de rosto duro e sombrio, olhou o que havia falado com expressão de surpresa.

— Mas o que é que há?

— Quero vocês todos bem sóbrios. Parece que estão esquecendo que nos encontramos numa cidade onde existe um destacamento de Rurais.

Wallace tinha cinqüenta anos, mais ou menos, os cabelos castanhos e os olhos claros. Era forte, de mãos enormes e braços musculosos. O rosto mostrava sempre um sorriso cruel, que impressionava seus comandados.

— Acho que Wallace tem razão, Young —

comentou Drake, o segundo pistoleiro dos três que acompanhavam o bandido.

Drake era baixo, meio atarracado, com pernas arqueadas e uma ameaça de corcova nas costas. Os olhos emitiam um brilho sinistro e os lábios finos estavam quase sempre apertados. O quarto membro do grupo mantinha-se silencioso. Chamava-se Miller e tratava-se do mais jovem de todos. Tinha um rosto simpático, com olhos pequenos, azuis, e cabeleira abundante e loura. Um detalhe era comum aos quatro homens. Os revólveres, muito baixos, perfeitamente engraxados, prontos para uso a qualquer momento. E, pelo desgaste das coronhas, podia apostar-se que eram bastante usados.

— O que é que a gente está fazendo aqui? — inquiriu Young, ainda contrariado por não poder beber. — Vamos sacar Narrows daquele buraco e acabamos logo com isto.

— Quer todo o Destacamento dos Rurais em nossos calcanhares, idiota? — bradou Ben Wallace. — Vamos fazer tudo muito direitinho. Drake, você sai primeiro. Dá uma volta por aí e, sem levantar suspeitas, aproxima-se da cadeia e estuda o terreno conscienciosamente. Quinze minutos depois, sairá Miller e, logo atrás, Young. Você os coloca em pontos estratégicos, de acordo com o que tiver observado. Cuidado, Drake.

Sua missão é a mais importante. Terá que escolher as melhores posições para Young e Miller. Depois, saio eu e iniciamos o assalto à cadeia. Tem que ser rápido e fulminante. Quando os Rurais perceberem o que está acontecendo, temos que estar bem longe.

— E a filha de Narrows? — perguntou Young.

— Também quer assaltar o Destacamento dos Rurais, imbecil? Tendo o pai em nosso poder, isso é o bastante. Deixe a garota sossegada, se tem amor à pele. Esse sargento que ficou no comando dos Rurais em Muleshoe não é flor que se cheire. Estamos todos de acordo?

Os pistoleiros assentiram com a cabeça.

— Bom, Drake. Pode sair e abra bem os olhos.

Drake pôs-se em pé com indolência e caminhou para a saída.

* * *

Encostado com displicência numa das colunas do *saloon*, Kirk Devine captou o sinal que um de seus rapazes lhe fazia, no momento em que Drake franqueava as portas de vaivém. Cruzou os braços no peito, de forma a ocultar a estrela de cinco pontas, quando o pistoleiro passou diante dele, sem lhe prestar muita atenção. Logo

o Rural o seguiu, em silêncio. Dez metros na frente, havia um beco escuro, onde depositavam os latões do lixo do *saloon*. Quando Drake estava atravessando esse beco, Kirk chamou:

— Você!

Drake voltou-se rapidamente, encarando o homem que estava a um metro dele. Logo viu a estrela de cinco pontas brilhando no peito do outro e apavorou-se. Desceu a mão velozmente para o revólver e a voz do Rural soou tranqüila:

— Quieto, imbecil! Quatro rifles estão apontando para sua cabeça neste momento!

Porém, Drake não quis obedecer. Tentou continuar sacando o revólver e Kirk entrou em ação. Um golpe seco, com a mão em cutelo, no pulso, o obrigou a soltar a arma, com um gemido de dor. Imediatamente o punho do Rural, lembrando coice de mula, acertou o nariz do pistoleiro, atirando-o brutalmente contra a parede. Drake tentou reagir, projetando os braços abertos para diante. Deu azar. Um murro demolidor no fígado o fez dobrar-se num ângulo incrível. Antes que pudesse respirar de novo, um golpe certeiro na ponta do queixo ergueu-o alguns centímetros do chão. Logo caiu pesadamente, os olhos revirados. Por alguns minutos, não daria mais trabalho. Kirk Devine agarrou-o pelos braços e arrastou-o para o beco, onde ficou sumido nas trevas da inconsciência.

Kirk plantou-se na esquina do *saloon*, vigiando o beco onde Drake dormia e a saída do bar. Um leve assovio de outro de seus rapazes, vinte minutos depois, indicava-lhe que o segundo pistoleiro estava deixando o *saloon*. Era Miller, que avançava despreocupadamente pela calçada. Na altura do beco, Kirk Devine saltou-lhe na frente, de braços ao longo do corpo.

— O que...? — começou Miller.

Não teve tempo de dizer mais nada. A estrela de cinco pontas que apareceu diante dele ganhou tamanho e velocidade de repente, avançando ao encontro de seu rosto. O pistoleiro abriu muito os olhos e o punho fechado do Rural esmagou-lhe o nariz e os lábios. Foi atirado para trás, aos tropeções. Não chegou a cair. Kirk agarrou-o pela lapela do colete, puxando-o para o beco. Miller não sabia o que fazer. Gemia, sangrando abundantemente do nariz. Ergueu os braços para se defender e esse foi seu maior erro. Kirk encaixou-lhe um poderoso direto no estômago, que arrancou até a última gota de ar de dentro dele. Logo se seguiu um gancho no maxilar, que o jogou para trás, já inconsciente. No momento em que Miller batia contra a parede, para deslizar silenciosamente para o chão, Kirk Devine deixou-se cair de joelhos e sacou com a velocidade de um relâmpago. Soou apenas uma detonação e Drake, que recuperara a consciência

para tentar abater o Rural pelas costas, tombou fulminado, com a garganta atravessada por uma bala. Miller, de costas contra a parede, meio sentado, não percebeu nada. Mas para prevenir uma surpresa semelhante à que preparara Drake, Kirk descarregou uma forte pancada na cabeça do desacordado pistoleiro. Assim, pelo menos, dormiria umas horas...

Kirk Devine foi até a calçada mais uma vez e esboçou um sinal para o preocupado Rural que se encontrava no outro lado da rua, indicando que estava tudo bem. Quase no mesmo instante, o companheiro assinalou o terceiro pistoleiro de Ben Wallace. O sargento fez outro sinal, indicando que deixassem passar Young, mas que o seguissem. Cuidariam dele os dois Rurais que sobravam. Young passou junto dele, tranqüilo, fumando. Kirk sorriu, olhando as expressões dos dois companheiros que seguiam atrás do pistoleiro.

O Sargento Devine avançou então para a varanda do *saloon*.

— Wallace está sozinho agora, Sargento — informou o Rural que estivera assinalando os pistoleiros.

— Ótimo. Assim a surpresa será maior.

— Vamos entrar?

— Isso é assunto meu, companheiro. De qualquer forma, fique vigiando. Se alguma coisa correr mal, você intervém. Cole que se ocupe dos dois pistoleiros que estão no beco. Um está morto e o outro desacordado. Usem a funerária e a cadeia para 'armazená-los'. Entendido?

— Certo, Sargento.

— Ande logo com isso, porque vou entrar agora mesmo e quero que você fique vigiando aqui da porta.

Dois minutos mais tarde, tudo estava resolvido e Kirk Devine avançou para o *saloon*, no interior do qual, tranqüilo, Ben Wallace pensava que dentro de pouco tempo teria cinqüenta mil dólares nas mãos.

O sargento parou um instante na porta e logo avançou, decidido, para a mesa ocupada por Wallace e que lhe tinha sido indicada pelo companheiro. O bandido estava absorto na contemplação da garrafa. Do contrário, teria reparado na aproximação do Rural. Só o fez quando Kirk estava a menos de dois metros dele. O primeiro que viu foi a estrela de cinco pontas. Empalideceu intensamente e engoliu em seco.

— Como é que vai, Wallace? — disse Kirk, sorrindo com ironia. — Mal, não é mesmo? Vamos, levante-se e comece a andar para a saída,

mas sem barulho. Não há necessidade de incomodar estes animais que pastam tranqüilamente nas garrafas de uísque.

Wallace estava sem pinta de sangue.

— Rural, você está enganado!

— Quero você caminhando dentro de cinco segundos, Wallace.

— Mas, eu...

— Está bem, você assim o quis!

Sem contemplações, o sargento agarrou Wallace pelos cabelos e obrigou-o a levantar-se. Um puxão mais forte na cabeleira imunda do bandido fez as lágrimas aflorarem a seus olhos. A música tinha cessado e os freqüentadores do *saloon* começavam a afastar-se do local da briga. Conheciam o Sargento Devine. Ele nunca entrava no bar sem ser em serviço. E, nessas ocasiões, era bom não estar por perto.

Wallace estava ainda atrás da mesa. Aproveitou uma trégua do sargento para tentar revidar. Com os joelhos, virou a mesa sobre Kirk, atingindo suas pernas. Surpreendido, o Rural soltou-lhe os cabelos e teve que dar uns passos para o lado para recuperar o equilíbrio. Wallace também recuou e tentou sacar o revólver. Sem entender como, a bota de Devine apareceu junto de seu corpo dobrado e acertou-lhe o nariz com

violência. Caiu de lado, sangrando, e o sargento voltou a agarrá-lo pelos cabelos, levando-o para a porta. Um pontapé no traseiro jogou-o de bruços, com o rosto sobre as pontas de cigarro e cuspidelas que cobriam o chão. Humilhado e dolorido, Wallace tentou levantar-se. O sargento ajudou-o, mais uma vez pelos cabelos, empurrando-o brutalmente para a porta. Aí, o Rural que havia ficado vigiando interpretou mal a situação e recebeu o bandido com uma coronhada no crânio. Wallace mergulhou novamente de cabeça, agora sobre as tábuas duras da calçada.

Kirk saiu, sempre sorrindo. Olhou para Wallace e para o Rural.

— Não seja bruto, rapaz — murmurou, com ironia.

— Sargento, eu pensei que ele ia fugir e...

— Está bem, está bem. Meta a cabeça dele no bebedouro dos cavalos. Verá como acorda num instante.

O Rural obedeceu, seguido de perto por Kirk Devine, que não parava de sorrir. Wallace estrebuchou e o Rural tirou a cabeça dele de dentro da água, antes que se afogasse.

— Leve esse passarão para a cadeia, para junto dos outros. O leão afinal saiu gato.

O subordinado de Devine sorriu de maneira cruel e acertou um novo pontapé no traseiro de Wallace.

— Como é? Ouviu o sargento, ou não?

Humilhado até ao limite que podia suportar, o bandido caminhou aos tropeções para a delegacia, carinhosamente auxiliado pela coronha do divertido Rural. Kirk seguia atrás deles, enrolando um cigarro, que acendeu depois de riscar um fósforo na sola da bota. Entrou na cadeia atrás do Rural que empurrava Wallace. Pouco depois, as portas da cela rangiam, recebendo o novo hóspede, que se juntaria aos que já ali se encontravam. Os dois comissários e os Rurais que haviam ido reforçar a defesa da cadeia estavam sorrindo. Fora uma colheita proveitosa. Silencioso, olhando tudo com expressão divertida, estava Edward Narrows.

— Bom, não precisam mais de vocês aqui, rapazes — disse para os Rurais. — Voltem para o destacamento. Um de vocês, mas um só, vasculhe a cidade e encontre Arlington. Vigie esse pássaro cada segundo.

Dois minutos mais tarde, Kirk e os presos estavam sozinhos na delegacia, separados por fortes barras de ferro.

CAPÍTULO SEXTO

Um pássaro fugidio

Kirk voltou-se para Narrows:

— Muito surpreendido, Narrows?

— Não tanto pelo fato de Wallace estar aqui, como pela facilidade com que o pegaram.

— Não tinham qualquer chance, Narrows.

Narrows riu com vontade.

— Entendo. É sempre muito perigoso meter-se onde há Rurais. Mas Wallace não entende isso. Bom, acho que agora o caso dos cinqüenta mil dólares vai ficar esclarecido, não?

— Ainda não.

— Mas... você não tem os cinqüenta mil dólares, cretino? — bradou Wallace, dirigindo-se a Narrows.

— Não, Wallace. Não tenho nem um centavo. Eu sabia que, quando chegasse a seus ouvidos sujos que eu estava metido num rolo destes, com cinqüenta mil dólares pelo meio, apareceria aqui, para sacar esse dinheiro de meus bolsos. Acontece que não os tenho, imbecil.

— É mentira, Sargento! Esse homem está mentindo! Tem que ser ele o autor do roubo. Senão, por que estaria preso?

— Você está enganado, Wallace — tornou Narrows. — E hoje é um dos dias mais felizes de minha vida. Vejo Ben Wallace no lugar onde sempre devia estar: atrás das grades. Sabe, se eu fosse juiz, não condenaria você à forca, mas à prisão perpétua, numa cela de onde não pudesse escapar. Aí você poderia meditar, até descobrir a besta humana que é e morrer de nojo!

Wallace estava lívido, agarrado às barras da cela contígua à de Edward Narrows.

— Narrows, confie em mim e diga onde escondeu o dinheiro. De uma maneira ou de outra, a gente vai sair daqui.

Narrows soltou uma gargalhada.

— Não seja imbecil, Wallace, e aprenda a perder. Não tenho e nunca tive esse dinheiro!

Kirk aproximou-se das grades da cela de Ben Wallace.

— Você conhece um homem chamado Arlington?

— Não me lembro deste nome, Rural.

— Mas ele conhece você. É jogador, trapaceiro, claro.

— Já disse que não conheço! Pelo visto, tem gente de mais nesta cidade sabendo quem sou...

— Infelizmente para você.

— Mas para que isso, Rural? Narrows tem o dinheiro. Se não foi ele, quem mais pode ter sido?

— Arlington. Uma jogada de mestre, sem dúvida. Enquanto nós ficávamos lutando com a dupla Narrows-Wallace, ele dava o fora da cidade com os cinqüenta mil dólares. Só que ele pensou que Ben Wallace desse um pouco mais de luta aos Rurais...

— Ora, vá para o inferno! O culpado é Narrows mesmo! Senão os Rurais não o prendiam!

— Os Rurais às vezes enganam-se, Wallace. E desta vez foi um erro duplamente feliz. Pelo erro da prisão de Narrows, em si, e porque apanhamos a quadrilha de Ben Wallace, requisitada pelo quartel-general.

— Sargento, por que minha prisão é um fato feliz? — perguntou Narrows.

— Não lhe interessa.

— É por causa de minha filha?

O Rural encolheu os ombros.

— Eu sei que é por causa de Flo. Mas quando você me soltar, eu e ela vamos embora. Nada mais se interpõe entre nós e uma vida decente, tranqüila, depois que soubermos que Wallace está pendurado numa corda.

— Você ainda não foi solto, Narrows.

— Mas vai me soltar, não vai, Sargento?

— Eu disse que o soltaria, quando tivesse a certeza de que você nada teve a ver com o roubo. E isso só terei quando recuperar o dinheiro.

O Rural deu meia-volta e saiu dali, deixando Wallace soltando palavrões, agarrado nas grades, e Edward Narrows rindo como um louco.

* * *

Estava andando pela calçada, em direção ao destacamento, quando uma voz o chamou:

— Sargento Devine.

— Boa-noite, Cordes. O que aconteceu?

Harry Cordes estava muito pálido, com profundas olheiras marcando-lhe o rosto. Era evidente que estava bastante preocupado.

— Não quer entrar, Sargento?

— Claro, claro.

Kirk entrou na casa de Cordes e sentou-se numa cadeira.

— Qual é o problema, Cordes?

— Fomos informados que, se não recuperarem o dinheiro, seremos despedidos do banco, Sargento.

Kirk franziu a testa.

— Quem os informou?

— Laveen recebeu uma carta de Austin, da matriz.

— Entendo. Mas não se preocupem. Nós recuperaremos esse dinheiro.

Cordes torceu as mãos.

— Não entendo, Sargento. Vocês já têm Narrows e Wallace. Por que, então, o dinheiro não aparece?

— Por uma razão muito forte, Cordes.

— Que razão, Sargento?

— Eles não o têm.

— Continua convencido de que Narrows está inocente?

— Continuo, Cordes. Wallace também. Veio para a cidade atraído por esse dinheiro, conven-

cido de que Narrows era o autor do roubo. Enfim, os dois fizeram uma fumaça tremenda que serviu para que o verdadeiro culpado escapasse tranqüilamente com o dinheiro. Mas nós o pegaremos, não fique assustado.

— Não entendo mais nada, Sargento.

— Você conhece um homem de nome Fred Arlington?

— Não. Quem é ele?

— Um pássaro muito esperto. Não me surpreende que não o conheça. Ele e você freqüentavam mundos muito diferentes.

— Mas quem é ele, afinal?

— Um jogador profissional, trapaceiro dos mais astutos. Provavelmente está com o dinheiro.

— Estou assustado, Sargento.

— Por quê? Não confia mais em nós?

— Confio, mas...

— Não lhe peço para confiar em mim, pessoalmente. Mas nos Rurais.

— Claro, claro, Sargento. Desculpe. Sabe, hoje vi Joan.

— Eu também a vi.

— Ela está muito diferente, Devine. Obrigado pelo que fez.

— Não ligue para isso. Espero que a nossa ajuda vá ser de muita utilidade, especialmente para os garotos.

Kirk levantou-se e encaminhou-se para a porta, seguido por Cordes, que parecia bastante abatido.

— Tente dormir, Cordes. Descanse, que cuidaremos do resto.

— Vou tentar, Sargento. E obrigado.

Pouco depois, estava na rua, dirigindo-se mais uma vez para o destacamento. Mas não seria desta vez que chegaria lá. Um Rural veio correndo ao encontro dele.

— O que é que há, Harry?

— Não estou gostando disto, Sargento.

— Do quê?

— Esse tal de Arlington não está na cidade. Corremos tudo, e nada...

— Talvez esteja num dos reservados do *saloon*.

— Talvez, mas não acredito. Porque ele saiu esta tarde, quase à noite, e não voltou.

— Será uma fuga?

— Não sei. Não pagou a conta do hotel e não levou bagagem. Nem as roupas, sequer.

— Hum... Sai da cidade e não leva as roupas, nem o resto da bagagem — considerou Devine. — Mas pode ter levado cinqüenta mil dólares. Acho que vou dar uma olhada no hotel.

O Rural assentiu com a cabeça.

— Eu tinha pensado o mesmo, Sargento.

— Está bem. Vou até lá. Você voe para o destacamento e mande dois rapazes acharem o rastro de Arlington e segui-lo, nem que seja até o inferno. Explique que ele saiu da cidade esta tarde e não voltou. Não me agrada a idéia de que ele esteja se mandando com cinqüenta mil dólares, rindo na nossa cara, Harry.

— Entendido, Sargento.

— Perfeito. Vá logo! Mexa-se!

O subordinado deu meia-volta e correu para o destacamento, enquanto Kirk Devine se encaminhava para o hotel. Parou uns instantes na varanda e olhou em volta. Tudo estava calmo, sossegado. Entrou e dirigiu-se, com um sorriso, para o recepcionista.

— Olá, Moses.

— Boa-noite, Sargento. O caso do banco está resolvido?

— Por enquanto, ainda não. Mas estamos perto.

— Posso ajudar em alguma coisa?

— De momento, apenas me dando a chave do quarto de Fred Arlington. Como é que ele é? Como hóspede, quero dizer.

O hoteleiro alarmou-se.

— Arlington? É um bom cliente. Sempre paga suas contas em dia. Aqui dentro, é uma excelente pessoa. O que ele faz lá fora não é da minha conta. Quanto a ir ver o quarto, na ausência dele, sabe que isso é ilegal e podia me trazer problemas, Sargento...

— Ora, Moses, pare com isso. Tenho um pressentimento de que, desta vez, Arlington pode ter ido embora sem pagar.

— Seja discreto, Sargento, por favor. Não quero problemas.

— Pode ficar tranqüilo, Moses. Não me consta que nós, os Rurais do Texas, costumemos criar problemas a quem não os merece.

— Está bem, Sargento. Confio em você. É o quarto dezoito, do segundo andar.

— Obrigado, Moses. Você está colaborando com a Lei e isso é sempre bom.

O hoteleiro assentiu com a cabeça e esboçou um sorriso. A verdade é que estava preocupado.

Se constasse que ele permitia que os Rurais andassem metendo o nariz nos quartos na ausência dos hóspedes, isso poderia arruinar-lhe o negócio.

Alheio às preocupações de Moses, Kirk Devine pegou a chave e encaminhou-se para as escadas. Subiu os degraus rapidamente e avançou pelo corredor até diante da porta marcada com o número dezoito. Meteu a chave na fechadura e abriu sem ruído. O quarto estava mergulhado na penumbra. O sargento fechou a porta lentamente e avançou, no momento em que uma voz feminina murmurava, da cama:

— Fred...

Kirk estremeceu.

CAPÍTULO SÉTIMO

Uma fêmea despeitada

O sargento dos Rurais avançou para a cama onde se divisava um vulto. Apesar da pouca claridade, pôde distinguir que a mulher estava completamente nua.

— Fred — repetiu ela.

Kirk não respondeu. Abaixou-se junto dela e o perfume feminino feriu-lhe as narinas. O corpo espetacular da mulher estava meio curvado, as pernas entreabertas, a respiração ofegante. Ergueu os braços e rodeou o pescoço do homem. O beijo foi longo, ardente. A mulher estava trêmula de desejo e Kirk Devine sorriu interiormente, pensando na forma como ela reagiria, quando soubesse que estava beijando outro homem.

— Obrigado pela carícia, garota — murmurou.

A mulher levantou-se de um salto e Kirk Devine afastou-se, acendendo um fósforo e chegando-o ao pavio do lampião. Uma claridade difusa encheu o quarto e a mulher cobriu-se com o lençol.

— Você! Canalha!

— Calma, Ruth. Não aconteceu nada. Eu ia apenas ver quem estava aí, mas você não me deu tempo.

Ruth Lupton, bailarina e cantora do *saloon*, de corpo escultural e voz acariciante, olhou o Rural com ódio.

— Você vai se arrepender disto, Rural!

— Meu nome é Kirk Devine e sou sargento dos Rurais do Texas, Ruth.

— Quero que você se dane, Sargento! Com que direito está entrando neste quarto?

— Estou procurando seu amiguinho, Fred Arlington. Onde está ele?

— Não sei. Já viu embaixo da cama? — perguntou ela, com sarcasmo.

O Rural tinha perdido a boa disposição. Agarrou-a por um braço e a fez levantar-se brutalmente.

— Vamos ter uma conversinha amigável, Ruth!

— Bruto! Me solte! Estou despida!

— Isso não é problema para você. Aliás, acredito que das vinte e quatro horas do dia, você passe mais tempo despida do que com alguma roupa decente. Mas, se quiser, pode vestir-se. Se desejar ficar nua, à vontade.

— Isso não vai perturbá-lo, Sargento? — ironizou.

— Nem um pouco. Neste momento, você não passa de uma peça de investigação. Até o beijo que você me deu, por engano, era amargo. Como deve ser tudo em sua vida.

Kirk Devine estava sendo rude deliberadamente, por dois motivos. Primeiro, esperava assustar a garota, para que falasse. Em segundo lugar, porque queria afastar a perturbação que ameaçava realmente apoderar-se dele diante do corpo deslumbrante de Ruth Lupton.

— Grosso! Cretino! Você vai se arrepender!

Kirk Devine soltou uma risada, ao ver a irritação da garota. Ruth enrolou-se no lençol e compôs uma expressão de fera acuada.

— O que é que você quer com Fred? Que eu saiba, ele não está sendo procurado pela justiça.

— Neste momento, está.

Ruth sobressaltou-se.

— O que é que ele fez?

— Talvez você possa me informar.

— Ora, sargento, deixe de besteira e despeje logo o que tem para dizer!

— Muito bem, Ruth. Vamos abrir o jogo. Onde está Arlington?

— Não sei.

— Acho que era melhor para você, se colaborasse.

— Sargento, eu estou fazendo um esforço danado para colaborar, mantendo-me calma. Em outras circunstâncias, já teria começado aos berros!

— Acredito, Ruth. Mas sinceramente esperava que você conhecesse o paradeiro dele.

— Não conheço. Sei apenas que saiu da cidade e me mandou esperar aqui.

— Esperar? Para quê?

Ela ruborizou-se e olhou o Rural com expressão homicida.

— Quer dizer, depois disso... — acrescentou Devine.

— Nós íamos embora hoje.

— Iam embora, hem? Com cinqüenta mil dólares no bolso!

Ruth Lupton abriu muito os olhos, de espanto, e balbuciou:

— Cinqüenta mil...? Mas do que é que você está falando, Sargento?

— De cinqüenta mil dólares, Ruth. Me diga uma coisa. Você ama esse homem?

— É difícil, uma mulher como eu, saber se está amando alguém, Rural. Você devia saber disso.

— Compreendo. Mas, assim mesmo, ia fufir com ele.

— Não sei se era fugir. De qualquer maneira, ele me garantiu que havia dinheiro envolvido e que poderíamos gozar uma boa vida em outro lugar. Mas cinqüenta mil dólares me parece dinheiro demais...

Devine sorriu.

— Concordo que é dinheiro demais para sem-vergonhas como vocês.

— Não precisa ser grosseiro, Sargento!

— Está bem. Desculpe. Mas acho que desta vez você vai esperar a vida inteira, Ruth. Arlington não voltará mais.

— Como, não voltará mais? Ele me mandou esperar por ele aqui.

— É o que disse, garota. Vista-se, volte para o *saloon* e recomece hoje mesmo sua vida... profissional. Fred Arlington está neste momento a caminho da fronteira, levando nos alforjes os cinqüenta mil dólares que eu falei. Deve ter pensado que, mulheres como você, poderia encontrar com facilidade no lugar para aonde vai.

— Isso é absurdo. Arlington me amava. Ele estava mesmo amarrado em mim!

— Estaria, Ruth?

— Sargento, olhe aqui! Eu posso não prestar para grande coisa. Posso até não saber se estou amando um cara ou não. Mas sei, sem possibilidades de engano, quando um homem está vidrado em mim. E Fred seria capaz de rastejar pelo meu corpo. Isso eu garanto!

— Está bem, Ruth. Não precisa irritar-se. Arlington então estava apaixonado por você. Mas não tanto, que fosse dividir com você os cinqüenta mil dólares do assalto ao banco!

A garota fez uma cara de incredulidade e balançou a cabeça.

— Não... Não... Você está brincando comigo, Sargento! Fred não assaltou aquele banco. É impossível!

— Acho que, dessa vez, você está enganada.

— Não, Sargento! Fred não tem miolos para assaltar aquele banco!

— Muito bem. Vamos perguntar isso para ele, quando voltar.

— Mas você disse que não voltaria!

— De livre vontade, não.. Mas acontece que os Rurais estão neste momento em cima dos rastros dele. E nenhum miserável, por mais astuto que seja, vai escapar dos Rurais, garota.

— Assim mesmo, me custa a acreditar. Arlington não deixaria de me falar nisso. Todos falam das coisas mais incríveis, quando estão na cama comigo. Existe gente, nesta cidade, cujo nome você ficaria espantado, se soubesse que estiveram, e alguns ainda estão, loucos por mim

e me contaram as coisas mais secretas, mais íntimas, de suas vidas. Arlington não é exceção.

— Está bem. Agora vista-se e suma daqui!

— Como quiser, Sargento. Sabe onde moro, não sabe? — concluiu, com um sorriso mordaz, deixando cair o lençol.

Devine fez um esforço para se controlar e voltou o rosto para a janela, enquanto a mulher se vestia.

CAPÍTULO OITAVO

Um novo personagem em cena

Kirk Devine entrou devagar no destacamento. As idéias dançavam em sua cabeça. Tudo estava se tornando mais complicado. A menos que seus rapazes achassem Arlington rapidamente. Sol Sheldon estava esperando-o no posto de comando.

— Novidades, Kirk? — perguntou.

— Pouca coisa. Arlington esfumou-se, deixando Ruth Lupton plantada, esperando por ele no quarto do hotel.

— Você acha que ela tem alguma coisa a ver com o roubo?

— Não sei. Pelo menos, está ligada a Fred Arlington.

— Entendo. Só isso, por agora?

— Só. Quem você mandou atrás de Arlington?

— Cameron e Reed.

— Nossa! Acha que é caso para tanto?

— É melhor não perder uma chance, Kirk. Esta droga de caso está se enrolando cada vez mais.

— É. Acho que tem razão. Bom, vá dormir.

Kirk Devine pretendeu dar o exemplo e saiu do barracão de comando. Sol Sheldon ficou vendo como ele dava voltas em frente da porta do quarto de Flo Narrows, sem saber se entrava ou ia dormir. Por fim, o sargento bateu e a porta abriu-se, para se fechar atrás dele em seguida. Era isso aí. O coração do jovem sargento fora fisgado. E o pior é que a mulher que havia feito aquilo não estava ilibada de culpa...

No quarto de Flo, Kirk virava o chápeu nas mãos, nervoso.

— Desculpe vir aqui, Flo. Mas estou sem sono e muito preocupado.

— Não faz mal, Kirk — murmurou ela. — Também estou sem sono. Quer um café? Tenho tudo, aqui. Seus rapazes me tratam muito bem. Não deixam que me falte nada.

— Aceito o cafezinho, sim. Seu pai está bem, sabe. Wallace está preso.

— Eu sei. Sol me contou. Isso é uma grande coisa para nós, Kirk. Pelo menos, esse fantasma do passado está definitivamente afastado de nossas vidas. Papai vivia sempre debaixo do temor de voltar a cruzar com Wallace.

— Não precisa mais se preocupar. Wallace vai ser mandado para o quartel-general, em Amarillo. Não deve escapar da forca.

Flo estremeceu.

— E o dinheiro do banco?

— Nada, até agora. Estamos seguindo um homem que me parece ser o culpado. Veremos o que conseguimos.

— De qualquer maneira, não demorou muito...

— Quer dizer que chegou a apaixonar-se, Flo?

— Não sei. É preciso que aconteça alguma coisa para ter certeza, Kirk.

— Que coisa?

— Não sei ainda, Kirk. Estou confusa. E você? Me ama?

— É amor o que sinto, tenho certeza, Flo.

— Apesar de tudo?

— Apesar de tudo, o quê?

— Meu pai, no passado, não...

— Seu pai está em paz com a Lei, Flo.

— Mas no passado...

— Nunca olho para trás.

Kirk tinha-se levantado e passou os braços pelos ombros dela, atraindo-a para si. A garota levantou o rosto, mas logo o baixou. Não tinha certeza de amar aquele homem. Tudo havia sido muito rápido, muito precipitado. Kirk entendeu e soltou-a, encaminhando-se para a porta.

— Kirk — chamou ela.

O Rural voltou-se e a garota aproximou-se dele. Colocou os braços no pescoço do homem e colou seus lábios mornos aos dele, numa carícia suave. Kirk Devine sentiu um arrepio percorrer suas costas e apertou o corpo escultural de Flo contra o peito. Sentia o calor dela atravessar as roupas e penetrar em seu sangue, em seus sentidos. Logo a garota se afastou um pouco e baixou a cabeça. Assim, com o rubor tin-

gindo-lhe o rosto, viu o Sargento Kirk Devine sair do quarto e fechar a porta de leve.

* * *

Kirk Devine dormiu mal. Para falar a verdade, quase não pregou olho a noite inteira. Remexeu-se na cama, inquieto. Eram cinco e meia da manhã, quando Sol Sheldon irrompeu no quarto, excitado.

— Kirk! Vista-se e venha aqui fora, rápido!

— O que é que aconteceu, Sol? — alarmou-se o sargento.

— Saia e verá.

Kirk Devine vestiu-se às pressas e saiu para o pátio do destacamento. Ali estavam Cameron e Reed, os dois batedores Rurais que haviam saído na noite anterior. Num terceiro cavalo, traziam um corpo atravessado. Era de um homem que tinha sido elegante, bem vestido, amara belas mulheres e vivera no meio do prazer e da ociosidade. Fred Arlington não teria mais nada disso.

— Eu falei para não o materem, Cameron! — exclamou Devine. — Eu disse que queria Arlington vivo!

— Mas não fomos nós quem o matou, Sargento!

— Ora, vamos, rapazes. Não vai lhes acontecer nada. Só que...

— Não fomos nós. Ele estava morto, quando o encontramos. Com duas balas nas costas.

Devine empalideceu. Aquilo complicava mais ainda o caso.

— Ele foi abatido em Pedras Negras, Sargento. O mais curioso é que tinha ido ali para se encontrar com alguém, provavelmente com o assassino.

— Como sabem disso?

— Desde que saiu da cidade, ele não galopou. Sempre levou o cavalo a passo, ou a trote, no máximo. Isso é fácil de ver pela profundidade dos rastros. Ora, quando se leva um cavalo a trote ou a passo, ou se está passeando, ou se tem um encontro com alguém. E não acho que Arlington estivesse dando um passeio. Por isso, esperava alguém, tranqüilo. Alguém que ele conhecia e com quem combinara encontrar-se. Esse alguém chegou de outra forma e meteu-lhe duas balas nas costas.

— Acho que tem razão, Cameron. Você deve ter acertado em cheio nas suas deduções. Nes-

se caso, Ruth estava mentindo para mim. Ela devia saber que Arlington ia encontrar-se com alguém.

— É a única solução — comentou Sol Sheldon.

— E quem o matou deve ter-lhe roubado os cinqüenta mil dólares.

— Provavelmente avisado por Ruth.

— Não é forçoso que seja assim, mas é possível. De qualquer maneira, acredito que Ruth sabe mais do que aparenta.

— Ou isso, ou se acabam as pistas, Kirk. É evidente que alguém mais sabia que o dinheiro estava com Arlington. Que droga de caso! Um canalha qualquer aparece, assalta o banco, limitando-se a agredir os dois empregados, e agora comete um assassinato...

— É. Não está fácil, não, Sol. Bom, quero Ruth Lupton vigiada de perto. Você mesmo, Sol, pode fazer isso. Cameron, leve o cadáver para a funerária de Perkins e convença-o a não divulgar para ninguém a presença do corpo. Ele que o mantenha lá, até que eu dê ordem para que o enterrem.

— Muito bem, Sargento.

— Não encontrou outros rastros?

— Nada, Sargento. O assassinato foi cometido em Pedras Negras. E o chão, ali, é só rocha. Acredito que quem matou Arlington deve ter voltado para a cidade, seguindo por dentro do rio. A menos que disponha de asas...

— Está bem. Podem ir. Você também, Sol.

— Perfeito, Kirk. Informarei você, se acontecer alguma coisa especial relacionada com Ruth.

— Não é apenas alguma coisa especial, Sol. Eu quero saber tudo. Ruth Lupton pode receber em sua casa todos os homens desta porca cidade. Quero o nome de todos. E se ela sair, sigam-na e me avisem.

— Certo. Vou agora mesmo.

Kirk voltou para o seu quarto, para acabar de se arrumar. O caso do roubo ao banco estava ficando cada vez mais complicado. Agora havia um assassinato! E o pior é que os dois principais suspeitos, além de Arlington, que nesse caso era a vítima, estavam atrás das grades e não poderiam ter cometido o crime. Cabia a possibilidade de um cúmplice, é claro. Isso significava também que mais alguém conhecia a rota do dinheiro roubado. Estava furioso, só de pensar na possibilidade de Ruth Lupton, uma bai-

larina e prostituta de *saloon*, estar rindo de um destacamento de Rurais do Texas. Não podia consentir nisso. Ela se arrependeria, se estivesse ocultando alguma coisa.

Acabou de arrumar-se e saiu do quarto. Eram sete horas. Flo Narrows estava na porta, vestindo uma roupa que lhe moldava as formas. Por um momento, sentiu-se mal, pensando que o assassino que acabara com Fred Arlington podia ser cúmplice de Edward Narrows. Não suportaria que ele e a filha estivessem tapeando-o o tempo todo. A verdade é que o Sargento Kirk Devine se achava confuso, aturdido, pelo rumo inesperado que o caso do assalto ao banco estava tomando. Perguntou a si mesmo se o Capitão O'Neil alguma vez se havia sentido desse jeito...

CAPÍTULO NONO

Amarga surpresa

Tinha sido um dia sufocante. Kirk Devine, com os olhos vermelhos de tanto fumar e esperar, estava sentado atrás de sua mesa, cansado.

— Demos mais uma batida na região, Sargento — disse Cameron.

— E nada — completou Reed. — O cara que matou Arlington não seguiu para além de Pedras Negras. Não entrou em *Llano Estacado,* como seria lógico.

— Quer dizer que voltou para Muleshoe?

— Apostaria que sim, Sargento. Ele tinha um encontro com Arlington ali mesmo. Matou-o

pelas costas com dois tiros e logo regressou, tranqüilo, sem deixar rastros.

— É. Pode ser isso. Mas quem é ele?

— Isso nós não descobrimos ainda, Sargento.

— Ainda não descobrimos. Será que vamos descobrir algum dia, Cameron? — havia desapontamento na voz de Kirk Devine.

— Acredito que sim, Sargento. Desde que começamos a mexer no assunto, muitas coisas têm vindo à superfície. Wallace está na cadeia, o bando desfeito, Narrows praticamente ilibado. Ruth ligada ao caso e Arlington...

— Morto.

— É. Isso não ajuda muito, mas...

— Pelo menos, é mais um abutre que desaparece desta terra.

Kirk Devine ficou pensativo. De repente, bateram na porta e Sol Sheldon entrou, com uma expressão de nojo no rosto curtido.

— Kirk, as notícias não são boas...

— Fale de uma vez, Sol — levantou-se o sargento, alarmado.

Sol Sheldon começou a falar. Sua voz variava em matizes que iam da revolta e da piedade

até o ódio mais profundo. Quando terminou, Kirk Devine estava pálido, sem um pingo de sangue no rosto. Levantou-se bruscamente, atirando a cadeira contra a parede.

* * *

Ruth Lupton estava diante do espelho, na casa miserável onde vivia, à saída da cidade. Não que não pudesse ter um lar melhor, mas a maior parte do seu tempo era passado no *saloon* e nos quartos do hotel, correndo de cama em cama. Não esperava que Fred Arlington tivesse feito uma sujeira daquela. Não sabia, na verdade, se amava o jogador, ou não. Mas ele era agradável, simpático, elegante, atraente mesmo. Sentia-se bem junto dele e, como homem, satisfazia-a. Talvez fosse uma boa escolha, para mudar de vida. No entanto, deixara-a esperando até agora. Não tinha aparecido mais, como previra o sargento dos Rurais. E se o negócio dos cinqüenta mil dólares fosse verdadeiro, então a sujeira era mais vil ainda... Porque o que mais interessava à cantora e bailarina era o dinheiro. Poderia amar Fred Arlington, se ele tivesse dinheiro. Mas o cafajeste preferiu sumir da cidade com o dinheiro, deixando-a plantada no hotel, nua, esperando por ele...

De repente, a porta abriu-se e Ruth sentiu uma onda de esperança inundá-la. Afinal, Fred voltara. Tarde, mas voltara.

Girou o corpo para a porta e abafou um grito de espanto.

— Você?

— Eu, sim. Vista-se e vamos embora.

O homem estava parado no meio do quarto, com os cabelos de um louro pálido caídos sobre o rosto. Era magro, enfermiço, sem brilho nos olhos claros. Usava um revólver ameaçador do lado direito e tinha um rifle na mão. No chão, havia colocado um alforje.

— Você ficou louco?

— Não. Não fiquei louco ainda. E se fiquei, foi por você, Ruth. Arlington já pagou porque você me traiu com ele.

— Pagou? — estremeceu a mulher.

— Eu o matei, Ruth. Agora nada mais se interpõe entre nós dois. Tenho os cavalos prontos nos fundos da casa. Neste alforje estão cinqüenta mil dólares. Poderemos viver bem com eles.

— Mas você não pode ter feito isso, Jim!

Jim Cordes, com os olhos inflamados, as mãos trêmulas, avançou para Ruth Lupton.

— Está feito, Ruth. E foi por você. Agora, vista-se e vamos!

— Não posso, Jim. Você tem responsabilidades com...

— Não fale nisso, Ruth! Uma vez você disse que fugiria comigo, se eu tivesse dinheiro. Sempre fui um pobre-diabo, mas agora não sou mais. Estão aí os cinqüenta mil dólares!

Ruth cobriu a boca com a mão.

— Jim, eu não valho grande coisa, mas não sou tão reles, que faça isso com você. Não, não posso! O que eu lhe disse, foi o mesmo que falei para todos os outros.

— Você quis brincar comigo um dia, Ruth. Eu levei a sério. Agora a brincadeira é realidade. Vamos embora daqui, com os cinqüenta mil dólares.

— Não, Jim. O que aconteceria, quando o dinheiro acabasse?

— Até lá, muita coisa pode acontecer.

— Não. Eu não vou, Jim. Não sou tão baixa que destrua uma família por cinqüenta mil dólares. Devolva este dinheiro, Jim!

— Devolver o dinheiro? — Jim Cordes soltou uma gargalhada. — Quer que eu vá ao destacamento dos Rurais e diga que assaltei o banco e depois assassinei Fred Arlington? Quer que eu vá dizer isso ao Sargento Devine? A pessoa que menos desejo encontrar neste momento é esse homem, Ruth!

— Mas não precisa dizer que foi você que assaltou o banco, Jim. Diga que encontrou o dinheiro...

— Não diga besteiras, Ruth! Vista-se e vamos embora. Sairemos pelos fundos e ninguém perceberá nada. Não suspeitam de mim e poderemos ir embora tranqüilamente.

Ruth Lupton estava lívida. Jamais imaginara uma coisa assim. Não. Ela não passava de um trapo, de uma prostituta cujo corpo se vendia a cada noite ao homem que melhor pagasse. Mas arruinar assim uma familia, um lar... Era demais. Não. Não faria isso.

— Eu não vou, Jim. Pense nos seus filhos...

— Cale-se! — gritou ele. — Se você não vier comigo, vai se arrepender para o resto da vida! Eu mato você!

Era um louco, um demente, que naquele instante se encontrava diante dela. Ruth estreme-

ceu horrorizada e, por um minuto, ficou olhando para ele com as pupilas dilatadas pelo terror. Depois, voltou a acalmar-se e insistiu:

— Pode fazer o que quiser. Eu não irei com você. Nem por cinqüenta mil dólares.

— Você assim o quis, desgraçada!

Jim Cordes avançou para ela, ameaçador, com o rifle na mão.

— Não... não vai atirar Jim... — balbuciou.

O homem agarrou o rifle pelo cano e ergueu-o acima da cabeça, como uma clava. Logo desceu a arma, acertando violentamente o rosto de Ruth Lupton, que foi atirada para trás, gritando e sangrando abundantemente. Jim Cordes, com a respiração entrecortada, cambaleante, deu mais um passo para ela.

Ruth cobriu a cabeça com os braços, quando uma bota abriu a porta com violência.

Kirk Devine saltou para dentro do quarto e agarrou o rifle, antes que Jim voltasse a descê-lo sobre a mulher. Mas o rapaz não estava em seu juízo perfeito. Voltou-se como uma fera enlouquecida e avançou para o Rural. Devine, apesar do estado de nervos em que se encontra-

va, lívido e com os maxilares apertados fortemente, teve a serenidade suficiente para esquivar o ataque descontrolado de Jim e lhe meter o punho com brutalidade na estômago. O rapaz dobrou-se para a frente, para receber um gancho demolidor na ponta do queixo, que o atirou contra a parede. Isso pareceu dissipar a raiva de Jim Cordes, que ficou sentado no chão, vencido.

— Miserável! Canalha! — bradou Devine. — Tinha que ser logo você!

Sol Sheldon, Cameron e Reed tinham entrado atrás do sargento. Sol estava atento, pronto para agarrar o amigo antes que a fúria o cegasse e ele cometesse alguma besteira. Mas Devine controlou-se.

— Cameron, leve essa mulher daqui. Chame o médico e ele que faça o que puder por ela. Afinal, devemos agradecer a seus escrúpulos por não ter partido com esse miserável. Como vê, as hienas, às vezes, também têm coração. Mas ela que não volte aqui, enquanto eu não sair!

Cameron aproximou-se de Ruth Lupton e ajudou-a a levantar-se. Ela tinha o rosto aberto pelo golpe violento do rifle. Se o Rural não houvesse intervindo, Jim Cordes a teria matado a

cacetadas. Sangrando e gemendo, a bailarina deixou-se levar.

— Quando o médico a tratar, ela que suma da cidade, Cameron! — disse o sargento, entre dentes. — Não a quero ver mais em Muleshoe! E diga a ela que, se a deixo partir assim, é só porque teve a honestidade de não aceitar as propostas sujas deste canalha! Levem-na daqui!

Reed e Cameron carregaram a mulher para fora. Sol ficou no quarto, junto com Kirk. Não tinha muita certeza se o amigo poderia conter sua vontade de esmagar o assassino.

— Você, miserável! Por que tinha que fazer aquilo? Logo você?

Jim Cordes abriu os olhos e fitou o sargento como se olhasse o vazio.

— Estava cansado de tudo, Devine! De tanta miséria, de tanto sofrimento. Eu e ela...

— Canalha! Fazer isso por uma... uma mulher dessas! Ela é melhor do que você, ainda assim, nojento! Pelo menos, não aceitou a sujeira que você queria fazer com sua família.

— Eu... ela... Ora, você não pode entender!

— Não, não posso entender, miserável! Se você tivesse feito isso por sua mulher, por seus

filhos, eu compreenderia, Jim. Juro que moveria céu e terra para conseguir o menor castigo para você. Mas por essa mulher!

— Não era só ela! Era a miséria, a pobreza em que sempre vivi!

— Tudo se teria arranjado. Você melhoraria de vida, cão!

— Com suas esmolas? Com a piedade dos Rurais do Texas? — Jim Cordes soltou uma risada de demente.

— Não eram esmolas, Jim! — O sargento sentia-se cansado, arrasado. — Não era uma esmola. Era um empréstimo a um homem! Ao homem que pensávamos que você fosse. Mas não é! Você é pior que o mais nojento animal, Jim! Nem a forca você merece, mas algo bem pior!

Era a gota que faria transbordar o copo da revolta de Kirk Devine. Avançou para Jim Cordes e agarrou-o pelos cabelos, obrigando-o a levantar-se. O rapaz era um farrapo, um lixo imprestável. Mas a fúria, o desapontamento do Rural era cego. Começou a golpear o corpo magro de Jim Cordes. Batia sem piedade, cego de raiva, com as mandíbulas apertadas ferozmente.

Quando Sol Sheldon conseguiu agarrá-lo, Jim era apenas uma massa sanguinolenta, um boneco desarticulado sem força para se manter de pé. O assassino ficou gemendo no chão e Kirk conseguiu acalmar-se.

CAPÍTULO DÉCIMO

A trágica verdade

Kirk Devine encarou o ensangüentado Jim Cordes.

— Por que é que você fez isso, Jim? — perguntou, com voz sumida.

— O que importa isso, Sargento? Fiz e está feito.

— Mas, diabo, não sente nada? Nem um pouco de remorsos?

— Adiantaria alguma coisa?

Sol tinha ajudado Jim a sentar-se numa cadeira e Kirk estava em pé, falando com ele, sem o olhar. Fitava a rua, através da janela. Tinha medo de encarar o assassino e não poder con-

ter-se. Havia sido uma traição ignóbil, não apenas contra os Rurais, contra ele mesmo, contra a família. Era muito pior do que isso.

— Sol, leve esse canalha daqui. Se eu ponho as mãos em cima dele mais uma vez, vai ficar muito maltratado para quem terá de julgá-lo. Leve-o agora mesmo.

Sol Sheldon entendia. Não era fácil agüentar. Ele mesmo se sentia revoltado, não apenas porque tinham feito a sujeira aproveitando o enterro do capitão, mas porque, afinal, todos os Rurais haviam querido ajudar esse miserável, pensando na mulher e nos filhos, e ele, no fim, não passava de um asqueroso assassino e ladrão. Agarrou-o por um ombro da camisa e empurrou-o para a porta. Saíram para a varanda e Kirk foi atrás deles.

Muita gente na cidade já tinha percebido o que estava acontecendo e grupos de curiosos formavam-se discretamente nas esquinas próximas da casa de Ruth Lupton. Avançaram pelo meio da rua, com Sol e Jim na frente e Kirk Devine seguindo-os a dois metros.

Foi então que apareceu aquele homem, correndo como um louco. Era velho, abatido, com os cabelos embranquecidos em desalinho, as rou-

pas amassadas. Parou ofegante junto dos Rurais e balbuciou:

— Não pode prendê-lo, Sargento.

— Por que não, Cordes?

O velho, lívido, respirou fundo e soltou:

— Porque ele está inocente. Quem assaltou o banco fui eu.

— Cordes, pare com essa besteira e vá para casa. Você está perturbado — respondeu Kirk, voltando a caminhar.

Cordes agarrou-o por um braço.

— Sargento, tem que acreditar! Fui eu quem roubou aquele dinheiro!

— Não seja idiota, Cordes! Vá para casa!

— Mas fui eu...

— É mentira, Sargento! — berrou Jim. — Está apenas querendo me proteger. Mas não adianta, pai. Vá embora!

— Sargento — tornou o velho Cordes. — Acredite em mim. Fui eu quem roubou esse dinheiro. E se não acredita, posso lhe contar como tudo aconteceu.

Kirk estava se sentindo cada vez mais enojado com tudo aquilo. Voltou-se para o velho Cordes e disse, com firmeza:

— Muito bem, Cordes! Conte como foi. Mas quero a verdade! Exijo apenas a verdade, Cordes!

Harry Cordes assentiu com a cabeça.

— Na noite anterior, nós já sabíamos do enterro do Capitão O'Neil. O diretor do banco ia ao funeral. Ficaríamos apenas Laveen e eu. Por isso, tive a idéia. Era a grande oportunidade para Jim. Não agüentava mais ver tanta miséria em sua casa. Os garotos, Joan... enfim, tudo. Fui ao rancho e contei o plano para Jim. Ele aceitou e no dia seguinte só tive que esperar que Laveen me voltasse as costas. Nesse momento, golpeei-o na nuca e ele desmaiou. Jim estava esperando nos fundos, escondido. Fui chamá-lo. Ele amarrou Laveen, e metemos os cinqüenta mil dólares nos alforjes.

— Mas você estava desacordado e amarrado — interrompeu Kirk.

— Isso foi uma farsa. Depois de colocar os cinqüenta mil dólares nos alforjes, Jim me golpeou, sem que eu perdesse os sentidos. Depois me amarrou. Quando ele saiu, só tive que empurrar a porta, fechando o trinco. Deitei-me no chão e esperei que Laveen recuperasse os senti-

dos. Simulei estar também desmaiado e ele não suspeitou da verdade.

— É tudo, Cordes?

— É. Tinha combinado com Jim que ele deixaria passar algum tempo e depois iria embora com o dinheiro, alegando que em outro lugar talvez tivesse mais sorte. Por isso, não pode prendê-lo, Sargento.

— Sou obrigado a acreditar em você, Cordes. Mas tudo se complicou para Jim. Ontem, ele matou um homem chamado Arlington.

O velho empalideceu mais ainda.

— Isso é verdade?

— Infelizmente, é.

— Mas meu filho precisava desse dinheiro, para os filhos e...

Pelo visto, Cordes não estava sabendo da transa do filho com a prostituta. Era de enojar, tudo aquilo...

— Já perguntou a seu filho o que ele está fazendo na cidade, com o dinheiro?

Só então o velho Cordes pareceu reparar nesse detalhe.

— Jim — aproximou-se do filho. — O que é que você está fazendo aqui? Na casa dessa mulher?

A verdade terrível saltou de repente no cérebro cansado de Harry Cordes.

— Responda, miserável! — agarrou o filho pela camisa e sacudiu-o brutalmente. — Diga que não é verdade o que eu estou pensando! Diga que esse dinheiro era para Joan e os garotos! Fale, canalha! O que estava fazendo na casa dessa mulher?

— Queria matá-la... — balbuciou o rapaz.

— Matá-la?

— Ela sabia...

— Sabia o quê? — gritou o velho.
— Tudo! Ela sabia tudo e...

— E para matá-la precisava trazer o dinheiro?

— Ora, me deixe em paz! Vá embora! — bradou Jim.

O velho tentou atirar-se ao pescoço do assassino, mas Sol impediu-o.

— Cordes, você terá que vir para a cadeia também. Está armado?

— Não. Nunca uso armas.

— Vamos, então.

O dramático cortejo pôs-se em movimento, a caminho da prisão. Jim e Sol seguiam na frente. Kirk ia ao lado de Cordes. O velho estava curvado, abatido. Havia mentido para Kirk Devine. Ele tinha um revólver, no bolso do paletó. E uma idéia martelava sua cabeça. Matar! Matar aquele miserável que o traíra. Por ele, pelos filhos dele, por Joan, Cordes faria a mesma coisa mil vezes. Mas o bandido apanhara o dinheiro par dar àquela perdida! Sem-vergonha! Traidor desalmado! Só morto! Lentamente, meteu a mão no bolso do paletó e começou a extrair o revólver. Meteria as seis balas nas costas daquele infeliz!

Kirk Devine pressentiu o perigo. Soube o que ia acontecer antes de ver a arma. E, por algum mecanismo inconsciente do cérebro, não reagiu com a velocidade desejada. Gritou apenas:

— Cuidado, Sol!

Harry Cordes estava já com o revólver empunhado e engatilhado. Sol Sheldon virou-se rapidamente e em sua mão apareceu velozmente a arma. Quando apertou o gatilho, Cordes já o tinha feito também. O velho atirou três vezes. A primeira bala enterrou-se nas costas de Jim,

à altura do coração. As duas outras, pela perturbação do momento, perderam-se no vazio. Mas os três tiros de Sol Sheldon enterraram-se no corpo cansado e infeliz de Cordes. O velho sentiu a vista nublar-se e os joelhos dobraram-se. Largou o revólver sem conseguir disparar o resto das balas e caiu para diante, pesadamente.

Jim havia sido empurrado para a frente, sob o impacto da bala do pai. Deu ainda meia dúzia de passos trôpegos e acabou de bruços, com o rosto enterrado na poeira da rua, o sangue manchando a camisa.

— Veja se estão vivos ainda, Sol — murmurou Kirk, lívido.

O Rural abaixou-se junto de Jim e voltou-o de rosto para o céu. O assassino abriu os lábios num esforço para falar e murmurou:

— Não devia ter feito... isso, pai...

Logo um estremecimento mais forte e o corpo ficou rígido.

— Morreu — disse Sheldon.

Kirk tinha-se ajoelhado junto de Cordes, que exalava também os últimos suspiros. O sargento, de lábios fortemente apertados, fechou-lhe os olhos e ergueu-se.

— Mande os rapazes levarem os corpos para a funerária, Sol. Que os enterrem hoje ainda. E Arlington também. Trate de ver se Ruth Lupton sai ainda hoje da cidade. Não quero essa mulher em Muleshoe, ao escurecer!

Deu meia-volta e afastou-se dali, pisando o chão com raiva. Encaminhou-se para a prisão. Entrou sem olhar para os lados e dirigiu a palavra a um dos comissários.

— Abram a cela de Narrows.

Pouco depois, o pai de Flo estava diante dele, com um sorriso triunfal nos lábios.

— Ainda bem que tudo se esclareceu, Sargento. Recuperou o dinheiro?

— Recuperei, Narrows. Você está livre.

— Não desse jeito, Sargento... Está faltando alguma coisa, não se lembra?

Kirk quase sentiu vontade de esmurrar o velho marginal.

— O que é que você quer mais? Alguma indenização?

— Nada disso, Sargento. Quero que peça desculpas. Você prometeu.

Kirk Devine respirou fundo diversas vezes, tentando controlar-se. Por fim, murmurou:

— Está bem, Narrows. Aceite as minhas desculpas pessoais e as do meu destacamento pelo erro que cometemos ao prendê-lo.

O velho sorriu, satisfeito, e recebeu o revólver que o comissário lhe entregou.

— Soa bem, Sargento. É a primeira vez que uma autoridade me pede desculpas. Pode pensar o que quiser, mas isso era muito importante para a nova vida que pretendo começar em breve.

Kirk achou que, afinal, ainda podia compreender aquele homem.

— Eu entendo, Narrows. Felicidades para vocês.

— E minha filha, onde está?

— A esta hora deve ter sido liberada também. Não faço idéia de onde esteja.

O velho sorriu e fez um gesto de despedida para Kirk. Depois saiu do prédio da delegacia. Pela primeira vez em sua vida, desde há muitos anos, nada se interpunha entre ele e a liberdade total. Poderia ir para onde quisesse com a filha, sem o receio de ser perseguido, ou pela Lei ou pelos antigos companheiros de crime.

Narrows e Flo saíram de Muleshoe na manhã seguinte. Da porta da delegacia, Kirk Devine viu-os partir. Sentia um peso enorme no peito. Mas não se moveria dali. Nas mãos, tinha um telegrama que acabara de receber do quartel-general. Nele se pedia a transferência de Ben Wallace para Austin, onde seria julgado e certamente enforcado. Também informavam que já tinha partido de Austin, para ocupar o cargo de comandante do Destacamento de Rurais de Muleshoe, o Tenente Jeb Frankell. Essa era a única notícia boa que davam a Kirk Devine em muitos dias. Pelo menos, se veria livre daquele gabinete de comando. Poderia voltar a cavalgar, ao serviço da Lei, nos espaços abertos que adorava.

EPÍLOGO

Kirk Devine estava em seu escritório, no comando do Destacamento, até a chegada do Tenente Jeb Frankell, que o livraria daquela cadeira. Ben Wallace seguira para Austin nesse mesmo dia, escoltado por quatro Rurais. Não tinha a menor chance de escapar. Seria julgado e condenado.

A paz voltara a Muleshoe. O dinheiro havia sido recuperado e a região ficara livre de mais um inútil, o jogador Fred Arlington. Além da punição dos ladrões, o que não tinha sido muito agradável, Joan e os garotos acabariam refazendo suas vidas, com a ajuda dos amigos. Sempre era hora de recomeçar.

No entanto, Kirk Devine sentia-se mal. Não estava satisfeito, apesar de tudo se ter resolvido.

Alguma coisa lhe faltava, desde que Flo Narrows partira, sem ao menos se despedir.

Ouviu o galopar de um cavalo que se aproximava do destacamento. Não era raro, isso, portanto, não prestou muita atenção ao fato. Porém, o galope aproximou-se tanto, que ele teve a sensação que o cavalo ia entrar pela porta do barracão de comando. Não entrou mas, em seu lugar, alguém bateu timidamente.

— Entre! — gritou o sargento, de trás da mesa.

A porta abriu-se e a figura esbelta e meio encabulada de Flo Narrows recortou-se no umbral.

— Flo!

— Não consegui, Kirk...

O sargento deixou a mesa, contornando-a, e avançou para a garota. Instantes depois, ela lançava-se em seus braços e os lábios procuravam os dele com ansiedade. Foi um beijo longo, ardente e apaixonado. Quando, por fim, se separaram, ele murmurou, acariciando-lhe o rosto com mãos trêmulas:

— Imaginava você muito longe daqui, Flo...

— Fui com meu pai, realmente. Tentei fazê-lo mudar de idéia para que ficasse no Texas,

mas ele insistiu que era conhecido demais neste Estado e jamais viveria aqui. Acompanhei-o, pensando que ele precisava de mim. Só a quarenta milhas descobri que estava errada. Meu pai não precisava de mim, Kirk. Nunca precisou, na verdade. Eu é que precisava de alguém. E descobri também que não era dele que eu estava precisando agora, mas de você.

O sargento beijou-a mais uma vez e apertou aquele corpo perfeito contra ele. Agora tinha a sensação de que não faltava mais nada.

— Flo, tem certeza?

— Tenho, Kirk. Eu amo você.

— Eu também a amo, Flo. Você vai ficar?

— Para sempre, se me quiser.

— E seu pai?

— Seguiu sozinho. Ele entendeu antes de mim que eu estava apaixonada por você. Foi compreensivo e quase me forçou a voltar.

Afastou-se um pouco dele e murmurou:

— Estou cansada. Vou ficar num hotel, até que nos casemos. Isso... se você pensa realmente casar comigo...

O Rural afastou-se mais um pouco, abriu a porta e gritou:

— Sol! Sol Sheldon!

O amigo estava por perto. Na verdade, esperava aquele chamado.

— Estou aqui, Kirk.

— Que horas são?

— Nove e trinta da noite, mais ou menos.

— Então ainda dá tempo. Venha comigo.

Sheldon e Flo franziram a testa.

— Vou aonde?

— Servir de testemunha para o casamento mais rápido e menos ortodoxo que você já viu.

Tanto o Rural como a garota ficaram de olhos muito abertos, tentando falar, sem conseguir.

— Vamos, mexam-se! Daqui a pouco, o juiz vai dormir! E sem noiva e sem testemunha, não pode haver casamento...

FIM

A seguir: Eles foram desonestos uma vez apenas na vida. OS DÓLARES E O XERIFE. Não perca!

UMA LIVRARIA PELO CORREIO

Você pode pedir estes livros pelo Reembolso Postal. É muito simples. Não envie dinheiro agora. Só pague quando for retirar sua encomenda na Agência do Correio de sua Cidade.

Ponha seu nome e endereço bem legíveis.

CLÁSSICOS CONTEMPORÂNEOS

ficção, memórias, teatro e poesia

EÇA DE QUEIROZ

A RELÍQUIA ..... Cr$ 60,00

EMMANUEL PEREIRA FILHO

AS RIMAS DE CAMÕES ..... Cr$ 45,00

FREDERICO GARCIA LORCA

LIVROS DE POETAS — 2.ª edição ..... Cr$ 65,00
ROMANCEIRO GITANO E OUTROS POEMAS ..... Cr$ 65,00
PROSA VIVA — IDEÁRIO COLIGIDO ..... Cr$ 60,00
TEATRO I — O Sortilégio da Mariposa, Os Títeres de Cochamora, Mariana Pineda ..... Cr$ 60,00
TEATRO II — Diálogo, A Sapateira Prodigiosa, Amor de Dom Perlimpimpim, Com Belisa em seu Jardim, Ratábulo de Dom Cristóvão ..... Cr$ 55,00
TEATRO III — Assim que passem os Cinco Anos, Bodas de Sangue ..... Cr$ 55,00
TEATRO IV — Yerma, Dona Rosita a Solteira, A Casa de Bernarda Alba ..... Cr$ 55,00

JORGE AMADO

TERRAS DO SEM-FIM ..... Cr$ 90,00
CACAU ..... Cr$ 60,00
CAPITÃES DE AREIA ..... Cr$ 80,00
DONA BÁRBARA ..... Cr$ 80,00
DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS ..... Cr$ 115,00
GABRIELA, CRAVO E CANELA ..... Cr$ 115,00
ABC DE CASTRO ALVES ..... Cr$ 120,00
AGONIA DA NOITE ..... Cr$ 110,00
AMOR DE SOLDADO ..... Cr$ 80,00
O CAPITÃO DE LONGO CURSO ..... Cr$ 80,00
O GATO MALHADO E A ANDORINHA SINHÁ ..... Cr$ 140,00

JUBIABÁ ..... Cr$ 100,00
A LUZ NO TÚNEL ..... Cr$ 110,00
MAR MORTO ..... Cr$ 70,00
A MORTE E A MORTE DE QUINCAS BERRA D'ÁGUA Cr$ 50,00
O PAÍS DO CARNAVAL ..... Cr$ 70,00
SÃO JORGE DOS ILHÉUS ..... Cr$ 110,00
SEARA VERMELHA ..... Cr$ 110,00
TEREZA BATISTA CANSADA DE GUERRA ..... Cr$ 140,00
TIETA DO AGRESTE, PASTORA DE CABRAS ..... Cr$ 180,00

GRACILIANO RAMOS

ALEXANDRE E OUTROS HERÓIS ..... Cr$ 60,00
ANGÚSTIA ..... Cr$ 75,00
CAETÉS ..... Cr$ 75,00
INFANTE ..... Cr$ 85,00
INSÔNIA ..... Cr$ 65,00
LINHAS TORTAS ..... Cr$ 85,00
SÃO BERNARDO ..... Cr$ 55,00
VIAGEM ..... Cr$ 65,00
VIVENTES DAS ALAGOAS ..... Cr$ 65,00
VIDAS SECAS ..... Cr$ 55,00
MEMÓRIAS DO CÁRCERE — 2 volumes ..... Cr$ 180,00

MATEMÁTICA E ESTATISTICA

.INICIAÇÃO À MATEMÁTICA DE HOJE ..... Cr$ 105,00
CONCEITOS FUNDAMENTAIS DA MATEMÁTICA ELEMENTAR ..... Cr$ 115,00
MÉTODOS MODERNOS PARA O ENSINO DA MATEMÁTICA ..... Cr$ 100,00
ENSINO MODERNO DA MATEMÁTICA — 4 volumes — cada 45,00 — Total ..... Cr$ 180,00
EXPRESSÕES FRACIONÁRIAS — 200 expressões resolvidas ..... Cr$ 55,00
MANUAL DE MATEMÁTICA ..... Cr$ 60,00
PROBLEMAS DE ARITMÉTICA ..... Cr$ 70,00
ARITMÉTICA AO SEU ALCANCE — Problemas sobre inteiros, frações, sistema métrico decimal .... Cr$ 50,00

QUÍMICA

QUÍMICA MODERNA — Preparado pelas universidades da Pensylvânia, Califórnia e Nova Iorque. Elaborado pelo engenheiro químico do Instituto Militar de Engenharia da Comissão Nacional de Engenharia Nuclear, Prof. Luiz Jorge da Silva Melo — 2 volumes — Cada volume ..... Cr$ 160,00

BIOLOGIA

GENÉTICA HUMANA — Biologia Geral, Veterinária e Odontologia ..... Cr$ 110,00
AS MARAVILHAS DA VIDA — Introdução à Biologia Cr$ 156,00
GENÉTICA MÉDICA — 1.º volume — teoria ..... Cr$ 37,00
GENÉTICA MÉDICA — 2.º volume — prática ..... Cr$ 37,00
GENÉTICA CLÍNICA — Estudo complementar da Genética Humana ..... Cr$ 120,00

FILOSOFIA

A FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA ..... Cr$ 37,00
O QUE É A FILOSOFIA ..... Cr$ 37,00

ARQUITETURA

OS GRANDES ARQUITETOS — 3 volumes — Dr. PETER BLAKE ..... Cr$ 150,00
DESENHO TÉCNICO BÁSICO — Introdução ao desenho técnico ..... Cr$ 90,00
DESENHO ARQUITETÔNICO — Obra-prima da arquitetura moderna ..... Cr$ 105,00

GEOGRAFIA E GEOLOGIA

MARAJÓ — DESAFIO DA AMAZÔNIA — O documento mais completo do estudo feito na Amazônia — Para qualquer nível escolar ..... Cr$ 85,00
TRANSAMAZÔNIA — O roteiro mais completo do desenvolvimento geográfico da região Amazônica .. Cr$ 65,00
O UNIVERSO — Os Astros, a Terra e o Homem — Ilustração ..... Cr$ 60,00
ATLAS PARA ESTUDOS SOCIAIS ..... Cr$ 80,00
INTRODUÇÃO AO PETRÓLEO ..... Cr$ 37,00
AS PEDRAS PRECIOSAS ..... Cr$ 37,00
ESTUDO DO MAR BRASILEIRO — O futuro da Humanidade ..... Cr$ 75,00
PETRÓLEO, MOLA DO MUNDO — O que há por detrás da crise mundial ..... Cr$ 90,00

POLICIAIS DE AGATHA CHRISTIE

Uma seleção de 31 **best-sellers**, premiados pelo Clube Internacional de Escritores, no campo da Espionagem, Crime, Ficção, Terror e Suspense. Um fenômeno no século XX.

A NOITE DAS BRUXAS	Cr$	80,00
ASSASSINATO NO BECO	Cr$	80,00
ASSASSINATO NO EXPRESSO ORIENTE	Cr$	80,00
A TERCEIRA MOÇA	Cr$	80,00
AVENTURA EM BAGDÁ	Cr$	80,00
A CASA TORTA	Cr$	80,00
A MINA DE OURO	Cr$	80,00
A MÃO MISTERIOSA	Cr$	80,00
A CASA DO PENHASCO	Cr$	80,00
CONVITE PARA UM HOMICÍDIO	Cr$	80,00
CARTAS NA MESA	Cr$	80,00
CEM GRAMAS DE CENTEIO	Cr$	80,00
CIPRESTE TRISTE	Cr$	80,00
DETETIVE PARKER PYNE	Cr$	80,00
DEPOIS DO FUNERAL	Cr$	80,00
ENCONTRO COM A MORTE	Cr$	80,00
É FÁCIL MATAR	Cr$	80,00
MORTE NA MESOPOTÂMIA	Cr$	80,00
MORTE NO NILO	Cr$	80,00
MISTÉRIO DO TREM AZUL	Cr$	80,00
MORTE NA PRAIA	Cr$	80,00
NOITE SEM FIM	Cr$	80,00
O CAVALO AMARELO	Cr$	80,00
O MISTÉRIO DOS SETE RELÓGIOS	Cr$	80,00
OS TREZE PROBLEMAS	Cr$	80,00
OS CRIMES DO ABC	Cr$	80,00
PASSAGEIRO PARA FRANKFURT	Cr$	80,00
UM CORPO NA BIBLIOTECA	Cr$	80,00
UMA DOSE MORTAL	Cr$	80,00
UM PASSE DE MÁGICA	Cr$	80,00
UM CRIME ADORMECIDO	Cr$	80,00

PREÇOS PARA 1978, SUJEITOS A ALTERAÇÃO.

* * *

Faça hoje mesmo o seu pedido para:

EDITORA MONTERREY LIMITADA
Rua Visconde de Figueiredo, n.º 81
Caixa Postal n.º 24.119 — ZC-09
20.000 — TIJUCA — Rio de Janeiro, RJ.

HORÓSCOPO REALISTA

SEU FUTURO REVELADO.
ASTROLOGIA SEXUAL. PREVISÕES MUITO FRANCAS.
AMOR, SAÚDE, FORTUNA, VIAGENS.

1979
IGOR PETROVSKY

FORMATO GRANDE

nas bancas